

# PROPOSTA DE PAZ 2011

POR DAISAKU IKEDA, PRESIDENTE DA SOKA GAKKAI INTERNACIONAL



## **Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora**

Enviada às Nações Unidas (ONU) por ocasião do 36º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2011



**Daisaku Ikeda** nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de Economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Arte Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte línguas, é sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).

**PROPOSTA DE PAZ 2011**

# **Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora**

por Daisaku Ikeda,  
Presidente da Soka Gakkai Internacional

# Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora

Revisão: Thiago de Mello

No começo da segunda década do século 21, desejo repartir algumas considerações sobre questões que a sociedade contemporânea enfrenta e os meios mais eficazes para a construção de um mundo pacífico.

## A desvalorização da linguagem

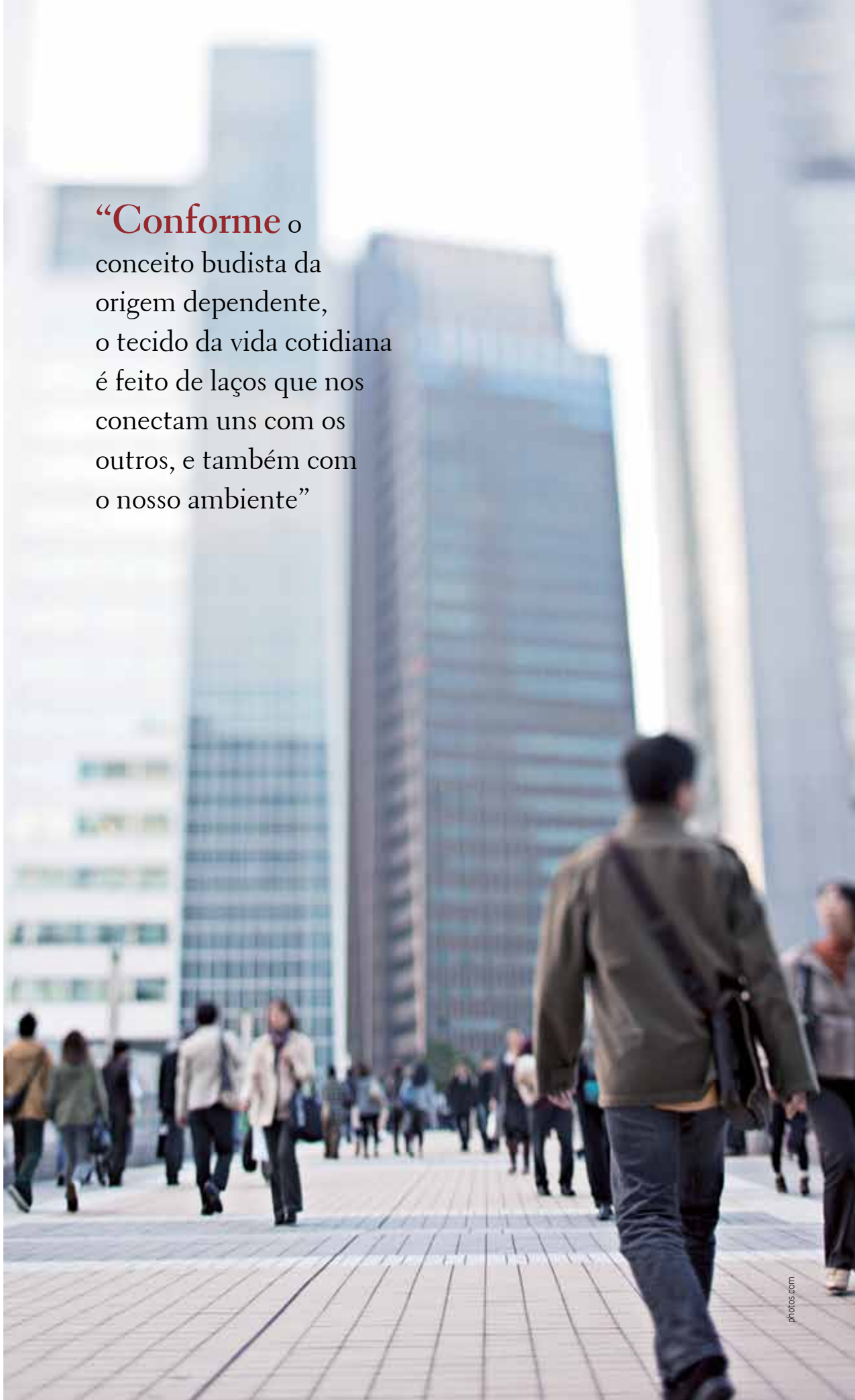
No ano passado, o Japão foi abalado por uma série de incidentes chocantes, que pareciam refletir os males de uma sociedade que envelhece. No fim de julho, foi encontrado na sua cama, em Tóquio, onde morava e onde falecera — trinta anos antes — o cadáver mumificado de um homem que se acredita ser um dos japoneses mais velhos, com 111 anos. Alarmados, os governos locais procuraram localizar os moradores mais antigos, e verificaram que, na verdade, muitos centenários não eram encontrados. Em alguns casos, esses residentes mais velhos ainda eram considerados oficialmente vivos. Seus familiares ocultavam o falecimento para continuar a receber a pensão.

Para uma sociedade famosa por sua longevidade, estes fatos deixaram o povo perplexo. A expressão *muen shakai*, “sociedade fragmentada”, significa a desintegração das relações sociais, causa de tais acontecimentos, gerando um cenário psicológico alarmante.

Conforme o conceito budista da origem dependente, o tecido da vida cotidiana é feito de laços que nos conectam uns com os outros, e também com o nosso ambiente. Estes fatos lembram dolorosamente a fragilidade desses vínculos. Jovens e adultos criam uma deprimente perspectiva do futuro, em virtude do enfraquecimento cada vez maior dos laços familiares e comunitários.

A fragmentação da sociedade é indissociável de falha de comunicação: ruptura da linguagem. As dificuldades econômicas e o desgaste da família tradicional estão nas origens dessas tendências. É inegável o papel desfavorável do rápido avanço da tecnologia da informação. Os aspectos negativos da era da informação — a desvalorização das palavras que perderam a profundidade original, reduzidas

**“Conforme** o conceito budista da origem dependente, o tecido da vida cotidiana é feito de laços que nos conectam uns com os outros, e também com o nosso ambiente”





#### EDUCAÇÃO E CIDADANIA

O presidente Ikeda com os doutores Jim Garrison (à direita) e Larry Hickman, da Sociedade John Dewey, Tóquio, 12 de agosto de 2008

a sinais e cifras sem sentido — formam um irônico contraste com o crescente volume de informação. A consequência mais infeliz é a diminuição da característica essencial do ser humano.

O cientista francês Albert Jacquard observa, numa equilibrada avaliação da tecnologia da informação: “a ciência da informação (...) fornece apenas uma comunicação enlatada ou congelada. É incapaz de evocar a torrente de criatividade que naturalmente brota de um diálogo, que se enriquece tanto de silêncio quanto de palavras”.<sup>1</sup>

É claro que o desenvolvimento da tecnologia da informação cria, para as pessoas, oportunidades de novas relações. Formadas via on-line, elas não terão valor da presen-

ça humana, limitam-se a trocas anônimas. Interações assim são apenas inorgânicas e neutras, distantes de reação e de satisfação, sem o fascínio da comunicação de pessoa a pessoa, de espírito a espírito.

Em contraste, chamo a atenção do significado para o espírito humano do empenho dos membros da Soka Gakkai Internacional (SGI) em conseguir um diálogo em escala mundial, principalmente com reuniões de palestra mensais, nossas principais atividades desde o início da Organização. Estes intercâmbios, realizados diariamente em milhares de localidades, refletem exatamente o conceito de Jacquard: “diálogo se faz tanto com o valor do silêncio quanto com o das palavras”.

Participantes, sentimo-nos alegres e realizados quando nossas palavras tocam o coração de outra pessoa e nos sentimos confusos e frustrados quando isso não acontece. Lutamos, pacientemente, em silêncio, na busca de palavras certas, e somos recompensados com uma satisfação ainda maior, porque fomos ouvidos e ganhamos respostas.

As múltiplas tonalidades, formadas pelas incansáveis tentativas de diálogo desenvolvem e enriquecem nossa mente e nosso espírito. Este é o exato oposto da “comunicação congelada”.

Os seres humanos somente chegam a ser humanos quando ficam envolvidos pelas palavras e pelo diálogo; ninguém amadurece nem é um ser humano completo sem ter vivido estas experiências. Sócrates declarou, em *Fedo*, que a misologia (ódio ao raciocínio) e a misantropia (aversão aos seres humanos) brotam da mesma fonte.

Atualmente, mantenho um diálogo com o Dr. Larry Hickman e o Dr. Jim Garrison. Ambos foram presidentes da Sociedade John Dewey. Conversamos sobre o tema de Dewey e da Educação Soka. O Dr. Hickman considerou as sedes regionais da SGI “modelos de instituições que fortalecem os laços da sociedade” e berços de criatividade que aperfeiçoam cidadãos, o que Dewey chamava de “povo”.<sup>2</sup>

Os esforços da SGI, a favor do diálogo, abrem um caminho gradativo e imperceptível. É justo nosso orgulho, pois estes diálogos têm o potencial de revitalizar a linguagem desvalorizada do mundo atual.

Recordo-me agora de uma tentativa de revitalização da linguagem e do discurso. O professor Michael Sandel leciona um curso de Filosofia Política na Universidade de Harvard, atualmente um dos mais concorridos na história dessa instituição. Não é o caso de palestras de mão única: ele trata de questões contemporâneas e conhecidas, provocando a opinião dos alunos sobre a

**“Participantes,** sentimo-nos alegres e realizados quando nossas palavras tocam o coração de outra pessoa e nos sentimos confusos e frustrados quando isso não acontece”

melhor forma de resolvê-las. Suas palestras ganham a forma de um apaixonado intercâmbio de ideias.

Esta forma de apresentação, já comparada a um diálogo socrático, tornou-se muito conhecida no Japão e adotada pela imprensa. O professor Sandel esteve ano passado no Japão, quando discorreu sobre o tema “Justiça com Michael Sandel” e atraiu grande atenção do público. Seu livro *Justice: What’s the Right Thing to Do?* [Justiça: qual é a coisa certa a fazer?, em tradução livre] continua na lista dos mais vendidos, caso excepcional de obras dessa natureza.

A justiça é cada vez mais uma questão preocupante. Na minha proposta do ano anterior, tratei dela. Fiz referência a um episódio que consta do livro *Os Miseráveis*, de Victor Hugo (1802-1885). Nele, o bispo Myriel e um moribundo defensor do jacobinismo estão envolvidos numa acalorada discussão sobre o conceito de justiça.

Questões deste tipo devem ser tratadas com cuidado e respeito para evitar a incessante escalada de reivindicações contraditórias: o próprio conceito de justiça pode perder totalmente o sentido. Foi principalmente a competição desenfreada entre diferentes teorias da justiça que fez do século 20 uma era de derramamento de sangue, de conflitos e de revoluções violentas. A enorme popularidade da tentativa de curso do professor Sandel talvez seja um reflexo da intensa necessidade de uma autocrítica.



### Questões primordiais

Refiro-me às obras do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), que adotei quando jovem, no intuito de um esclarecimento a respeito do humanismo budista da SGI.

Poucas pessoas analisaram a desvalorização das palavras — linguagem vulnerável ao abuso — de forma tão incisiva como Bergson. Também foram poucas as que fizeram pela primeira vez este abrangente alarme contra a desequilibrada tendência da filosofia ocidental de enxergar tudo pelas lentes da lógica e da linguagem. A filosofia de Bergson se mantém fiel ao princípio de servir aos outros. Mereceu a afirmação do filósofo francês Vladimir Jankélévitch (1903-1985): “Bergson trouxe ao seu devido lugar a filosofia, que havia se desvirtuado”.<sup>3</sup>

Recordo-me contente quando, no verão de 1947, fui convidado a participar de minha primeira Reunião de Palestra da Soka Gakkai. Eu tinha 19 anos. Quando meu amigo disse que nosso assunto seria “a filosofia da vida”, minha primeira reação foi perguntar: “Será sobre Bergson?”

Bergson foi guiado pelo axioma *primum vivere* (Primeiro, viver, depois filosofar!). Descreveu assim sua inclinação pelo estudo da filosofia: “De onde viemos? O que somos nós? Aonde vamos? São questões vitais que logo se colocam, sem levar em consideração sistemas filosóficos”.<sup>4</sup>

São questões primordiais que, em algum momento, enfrentamos, se desejamos vida melhor. Em contraste, muitos sistemas filosóficos enfatizaram a tal ponto os pormenores da argumentação que perderam de vista questões de maior importância. Esta é a lição que nos deixou esta parábola budista: a parábola da flecha envenenada.

Bergson sempre manteve sua posição humanística. Creio que essa mesma atitude deve ser aplicada à ciência e à religião.

**“Este indivíduo dá ao espírito o poder de libertar-se de um confinamento individual e se elevar ao nível do amor humanitário, sentimento que envolve toda a humanidade”**

Naquela primeira Reunião de Palestra, conheci o homem que se tornaria meu mestre da vida: o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda (1900-1958). Enquanto a noite avançava, as emoções daquele encontro ganharam a forma de um poema:

*Viajante,  
De onde vens,  
Aonde vais?  
A lua se escondeu,  
E o sol ainda não surgiu.  
No caos da madrugada,  
em busca da luz,  
eu caminho  
para dissipar as trevas da minh' alma.  
E encontrar a grande árvore  
que não se curva à fúria da tempestade.  
Eu surjo da terra!*

Na ocasião, eu ainda não me referia a Bergson de forma consciente. Sua filosofia retoma sempre as questões fundamentais do rumo e do sentido indispensáveis ao ser humano. Talvez eu estivesse mais influenciado por ele do que eu próprio pensava.

A filosofia de Bergson não é estereotipada. Constatamos com toda clareza suas opiniões a respeito da religião, de notável acordo com o humanismo budista. (De certo



modo, uma análise cuidadosa revela que era incompleta a compreensão que tinha Bergson do Budismo. Particularmente, do Budismo Mahayana.)

O humanismo sustentado pela SGI fundamenta-se nos ensinamentos do sacerdote budista Nitiren Daishonin (1222-1282) que nos deixou escritas estas palavras: “A Lei não se propaga por si, mas pelas pessoas. Tanto a Lei quanto as pessoas tornam-se dignas de respeito”.<sup>5</sup> Embora procuremos “confiar na Lei e não na pessoa”<sup>6</sup>, depende do caráter e do exemplo das pessoas o verdadeiro conteúdo e a difusão da lei. A Lei (*Dharma*) no Budismo não é estática. São as pessoas, com a prática e a incorporação da Lei, que a fazem vibrar poderosa dentro da vida real.

A visão de Bergson sobre o tempo e a vida é uma dinâmica cujos movimentos não podem ser separados da vontade humana. Em seus escritos, ele chama esse dinamismo de “duração”, “contração”, “impulso vital” e, por fim, “o ímpeto do amor”, para o qual criou o termo “religião dinâmica”.

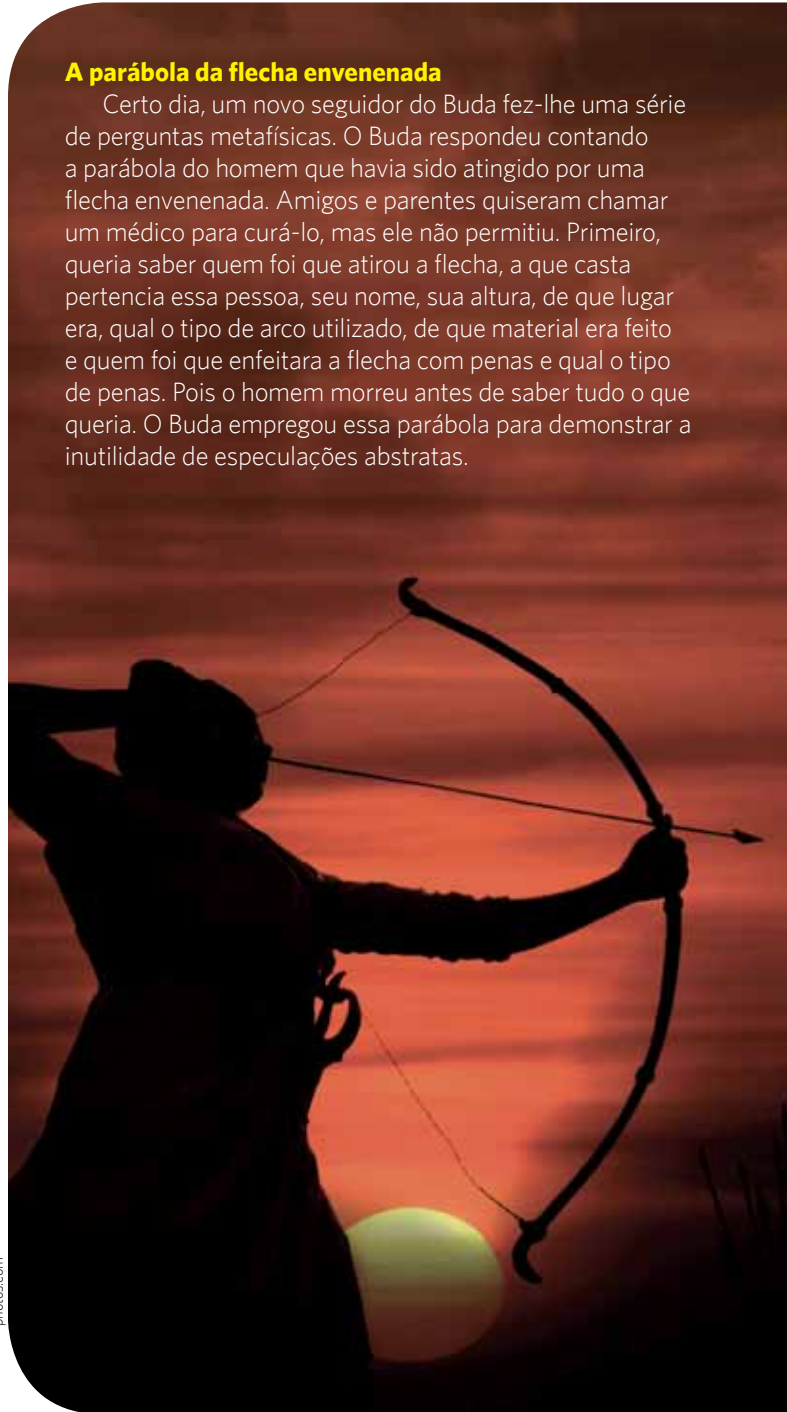
Ele traça a evolução das pessoas como seres biológicos. Mas, “o ímpeto do amor” representa um salto a um plano superior, o do caráter genuinamente humano. Bergson acredita na necessidade do surgimento de um indivíduo inspirado por uma experiência mística integrada à essência de seu ser. Este indivíduo dá ao espírito humano o poder de libertar-se de um confinamento individual e se elevar ao nível do amor humanitário, sentimento que envolve toda a humanidade.

A experiência mística à qual ele se refere é bem diferente do frenesi da posse estática. Indicando as emoções liberadas quando o intelecto segue seu curso em plenitude. É “a emoção que impulsiona a inteligência apesar dos obstáculos”, “uma agitação afetiva da alma (...)”<sup>7</sup> um levantar das profundezas (...)”<sup>8</sup>

Para Bergson, a pessoa plena dessas virtudes — “criação religiosa” e “heroísmo

### A parábola da flecha envenenada

Certo dia, um novo seguidor do Buda fez-lhe uma série de perguntas metafísicas. O Buda respondeu contando a parábola do homem que havia sido atingido por uma flecha envenenada. Amigos e parentes quiseram chamar um médico para curá-lo, mas ele não permitiu. Primeiro, queria saber quem foi que atirou a flecha, a que casta pertencia essa pessoa, seu nome, sua altura, de que lugar era, qual o tipo de arco utilizado, de que material era feito e quem foi que enfeitara a flecha com penas e qual o tipo de penas. Pois o homem morreu antes de saber tudo o que queria. O Buda empregou essa parábola para demonstrar a inutilidade de especulações abstratas.



photos.com

moral” — é um “gigante espiritual”. Sua ação intensa é capaz de fortalecer a de outras pessoas. Se estas forem generosas, podem acender lareiras da bondade.<sup>9</sup>

“É para mim um orgulho, um tesouro incomparável ter conhecido aquele mestre a cujo ensinamento e ideais sigo com devoção, fiel discípulo do seu espírito”

A tarefa desse “gigante espiritual” é “promover uma transformação radical na humanidade pela força do seu próprio exemplo. Objetivo que somente poderia ser alcançado se, no final, existisse o que teoricamente existiria no começo, uma humanidade divina”.<sup>10</sup>

A pessoa dotada de força e magnetismo atrai o espírito de outras, inspiradas a participar: a interação dessas pessoas abre novos horizontes do espírito. É a forma mais eficaz deste processo — na verdade, a única — de transmissão espiritual ou herança, seja dos ensinamentos religiosos, seja no mundo das ideias. A propósito, Jawaharlal Nehru (1889–1964) declarou que a chegada de Gandhi (1869–1948) removeu o “sombrio manto do medo” do coração do povo indiano e “aperfeiçoou muitas coisas, principalmente o jeito de pensar das pessoas”.<sup>11</sup>

Meu mestre, Jossei Toda, foi para mim um gigante do espírito e um exemplo incomparável. Enquanto estive preso, durante a Segunda Guerra Mundial, por sua oposição ao governo militar japonês, teve a profunda percepção de que “Buda” a que se referem os escritos de Nitiren Daishonin nada mais é do que a própria vida. Esta compreensão foi para Toda o que Bergson descreve como o “ímpeto criador”.<sup>12</sup> Quando foi libertado, dedicou-se, até o fim da sua vida, a compartilhar com outras pessoas os valores do Budismo. É para mim um orgulho, um tesouro incomparável ter conhecido aquele mestre a cujo ensinamentos e ideais sigo com devoção, fiel discípulo do seu espírito.

É por isso que continuo a destacar a importância essencial da unicidade entre mestre e discípulo. Pela minha convicção na força dessa transmissão espiritual é que em meu romance *Revolução Humana*, no qual trabalho há mais de quatro décadas, afirmo: “A grandiosa revolução humana de uma única pessoa impulsionará a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade”.

### A vida criadora

Bergson preocupava-se com a fé casual e irrefletida nas palavras, que provocou degradação da linguagem atual: “Minha iniciação no verdadeiro método filosófico se deu no momento em que abandonei as soluções verbais, ao encontrar no interior de minha vida um importante campo de experimentação”.<sup>13</sup>

Essa afirmativa lembra o conceito budista de *muki*, uma referência ao silêncio vibrante mantido consistentemente pelo Buda relacionado a questões metafísicas e abstratas. Nagarjuna, grande pensador budista do século 3, recapitulou essa postura numa passagem do *Tratado sobre o Caminho do Meio*, descrevendo o conceito-chave da origem dependente, a interdependência mútua pela qual tudo passa a existir e é sustentado: “Transcende a vaidade das palavras e é a suprema felicidade”.<sup>14</sup>

Para Bergson, o campo da experiência ou da realidade genuína tem “movimento próprio”.<sup>15</sup> O fluxo da incessante transformação é a essência da vida criadora. Para perceber este movimento, é indispensável manter o que o crítico literário japonês Hideo Kobayashi (1902–1983) denominou “flexibilidade do espírito”,<sup>16</sup> que nos leva a “cultivar a cautela no emprego de palavras conhecidas para descrever o desconhecido”.<sup>17</sup> Kobayashi sabia da filosofia de Bergson. Muito conversamos sobre esses assuntos no nosso encontro de 1971.

Com frequência as palavras interrompem a constante mudança, que fica rígida e nos leva a confundir uma “mudança efêmera”<sup>18</sup> com a própria existência. Bergson critica essa tendência à compreensão imperfeita do tempo, como se ele tivesse as mesmas qualidades do espaço. Ele refutou os paradoxos de Zenão: o da flecha e o de Aquiles e a tartaruga.

Quando realidades fluidas ficam imobilizadas na linguagem, conduzem à armadilha dupla da confiança excessiva e da ingenuidade, terreno fértil para a letargia intelectual, o estereótipo, o dogma e o preconceito. A pessoa é propensa a tirar conclusões apressadas, causa de indolência e fraqueza de espírito. As concepções triunfalistas da justiça, que já mencionei, sejam elas ideológicas, religiosas ou nacionalistas, são sintomáticas.

Num encontro com estudantes, faz muito tempo, deixei claro que os caminhos ideológicos do pensamento implicam sempre um grau de rígida categorização. A filosofia budista da Soka Gakkai, por sua vez, não requer uniformidade alguma. Pelo contrário, trata da compreensão das verdadeiras situações da época e, a partir daí, distingue as opções mais favoráveis. A rígida categorização é sinônimo do estereótipo, concepção errônea do movimento no sentido do espaço estático.

A filosofia de Bergson, ou melhor, sua disposição, é diametralmente oposta a qualquer espécie de aceitação passiva da fraqueza e da inércia humana. “A tensão e a concentração são palavras usadas para caracterizar um método que exigia da mente, a cada novo problema, um esforço totalmente novo.”<sup>19</sup> Ao rejeitar a indolência e a estagnação, Bergson nos inspira a prosseguir, a ter uma vida melhor e mais saudável. “Repudio a facilidade e recomendo certo jeito de pensar que provoque a dificuldade do entendimento. Valorizo o esforço acima de tudo.”<sup>20</sup>

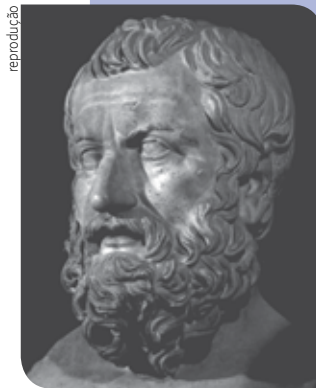
Tensão, concentração e esforço mental são essenciais ao desenvolvimento de uma

### O Tratado sobre o Caminho do Meio, de Nagarjuna

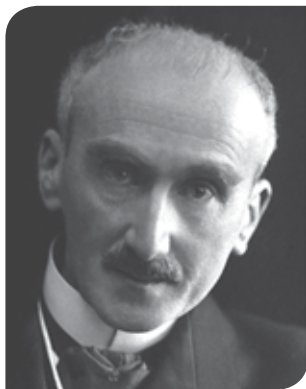
Nagarjuna foi um pensador do Budismo Mahayana que viveu no sul da Índia. Escreveu muitos tratados importantes sobre os sutras do Mahayana, formulando uma base teórica da filosofia Mahayana. No *Tratado sobre o Caminho do Meio*, explica que os fenômenos não possuem uma natureza fixa nem independente, não podem ser definidos como existência nem como não existência. A verdadeira natureza das coisas é a não substancialidade, conhecida também como latência. A não substancialidade tem sua fonte no conceito da origem dependente. Nenhum ser ou fenômeno existe por si só; eles existem ou ocorrem em consequência de sua relação com outros seres e fenômenos. Nada existe de forma independente de outros seres nem surge isoladamente.

### Os paradoxos de Zenão

Zenão de Eleia (430 a 490 a.E.C.) foi um filósofo grego famoso pelos seus paradoxos. No paradoxo da flecha, ele argumenta que o tempo se compõe de simples momentos e que uma flecha em movimento ocupa um espaço igual a qualquer outro e que, portanto, não pode se movimentar: cada momento nada mais é que um instante de todo o período de seu movimento. No paradoxo de Aquiles e a tartaruga, ambos estão participando de uma corrida e Aquiles deixa que a tartaruga comece primeiro, tomando certa distância. Zenão declara que é impossível Aquiles conseguir ultrapassar a tartaruga, já que terá de alcançar primeiro o ponto em que a tartaruga iniciou a corrida. Quando lá chegar, a tartaruga já avançou um pouco mais: sempre estará na dianteira. Estes paradoxos foram elaborados para demonstrar que o movimento não passa de ilusão.



Zenão de Eleia



#### INSPIRAÇÃO

O jovem Daisaku Ikeda (à esquerda) e o filósofo francês Henri Bergson

**“A essência** do humanismo budista está na perseverança. Os seres humanos são capazes de ir além dos limites de suas habilidades espirituais, quando combinadas com a crença inabalável no próprio sucesso. A fé no ser humano é fundamental no Budismo”

visão dinâmica, que nos permite rejeitar o pensamento rígido e compreender as condições em constante transformação da época. Bergson as define como “sanidade mental bem arraigada”, expressa na “inclinação para a ação, a faculdade de se adaptar e de se readaptar às circunstâncias, na constância

combinada com a flexibilidade, no discernimento profético do que é ou não é possível e no sentido de simplicidade que supera as complicações”.<sup>21</sup>

A essência do humanismo budista está na perseverança. Os seres humanos são capazes de ir além dos limites de suas habilidades espirituais, quando combinadas com a crença inabalável no próprio sucesso. A fé no ser humano é fundamental no Budismo.

A prática da Lei fundamental que abarca todo o universo é uma fonte de eterno orgulho e autoconfiança. Não devem ser confundidos com arrogância nem com desejo desenfreado do homem moderno retratado, por exemplo, em *Fausto*, de Goethe.

Esses sentimentos são comuns ao senso de responsabilidade e autodisciplina: a determinação de abraçar o princípio de que a religião — vital na formação do caráter humano — deve servir às necessidades das pessoas reais e nunca aos interesses das instituições religiosas. De acordo com Jules Michelet (1798-1874): “A religião se forma no mundo da atividade espiritual; a atividade espiritual não está contida na religião”.<sup>22</sup>

É fundamental essa distinção entre a religião a serviço das pessoas e a que exige das pessoas atender às suas exigências. Quando esta linha é ultrapassada, a religião leva à submissão, deixando-nos vulneráveis aos impulsos da fraqueza humana, da fealdade, da estupidez e da letargia.

O dever dos membros da SGI é a fidelidade ao compromisso de servir. De desafiar a si próprio e revelar seu infinito potencial. É ilimitado este processo de desenvolvimento de nossas habilidades espirituais e de olhar cada momento como oportunidade para o crescimento. É uma orientação para o futuro que nos exorta à prática do humanismo: forma concreta do caminho do Bodhisattva — a procura da alegria compartilhada pelas pessoas na vida real.

Amplio futuro de ilimitada energia, esperança, coragem e sabedoria abre-se diante de nós quando atendemos ao chamado para ampliar nosso infinito potencial humano. A pessoa corajosa que insiste em avançar apesar dos reveses e da adversidade jamais perderá a criatividade essencial da vida, a triunfante condição interior que o budismo descreve como “a mais suprema de todas as alegrias”.<sup>23</sup>

A inesgotável esperança no humanismo budista e no “otimismo empírico”<sup>24</sup> de Bergson nasce dessa mesma raiz. Esta é a convicção de Bergson nas ilimitadas possibilidades do mundo espiritual: “Graças a esse esforço, a pessoa consegue avançar mais do que antes”. O resultado é a “própria superação”.<sup>25</sup>

Tanto esforço desperta a alegria no dizer de Bergson: “A alegria sempre anuncia que a vida foi bem-sucedida, que fez progressos e venceu. Toda grande alegria tem uma nota de triunfo. Descobrimos que onde existe alegria, floresce a criação: quanto mais rica for a criação, mais profunda a alegria.”<sup>26</sup>

### Uma nova humanidade

Com o olhar para o infinito, Bergson tratou com ousadia e cuidado o problema fundamental da morte, que desde o passado primordial desperta as pessoas para sua finitude e para a necessidade da religião. O ponto de vista do filósofo difere da tradicional visão do mundo cristão, que considera a vida após a morte domínio de Deus: “Se há um além para os seres conscientes, não vejo por que não podemos descobrir a forma de explorá-lo”.<sup>27</sup> Esta declaração também se interpreta como indicação da ilimitada expansão do espírito à qual Jankélévitch se referiu como a “deificação do humano”.<sup>28</sup>

Bergson não entendia essa busca como um privilégio de pessoas especiais, e sim, caminho para a autoperfeição, acessível a todos sob a orientação de um “gigante espiritual”. Para o pensador, o sentido da vida hu-



Johann Wolfgang von Goethe

### Fausto, de Goethe

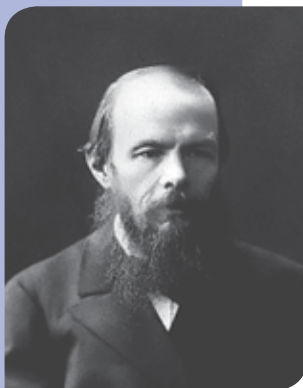
A obra mais famosa de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é *Fausto*, peça trágica considerada a mais importante da literatura alemã. Seu protagonista, Heinrich Fausto, é um estudioso com sede insaciável de conhecimento, quer aprender tudo. Frustrado com a futilidade do conhecimento científico, literário e religioso, ele cogita o suicídio. Eis que aparece o demônio (Mefistófeles). Os dois fazem um pacto: o demônio concede a Fausto a realização de todos os desejos deste mundo. Em troca, ele serve ao demônio no Inferno. Vende a sua alma. *Fausto* foi escrito durante a Revolução Industrial e Goethe foi um dos primeiros pensadores a explorar suas profundas implicações na vida e no pensamento das pessoas.

mana está no poder criador, dom que pode surgir a qualquer momento na vida de uma pessoa: “A criação do ser humano pelo próprio ser humano, o desenvolvimento da personalidade pelo esforço que tira o muito do pouco, o tudo do nada, que acrescenta algo de novo a qualquer riqueza do mundo.”<sup>29</sup>

Nota-se aqui ostensiva concordância com a ênfase budista no esforço pela perfeição e na fé em que todas as pessoas possuem o potencial para a iluminação suprema e a sabedoria: “Todos os seres vivos podem atingir o caminho do Buda”.<sup>30</sup>

### O homem-deus de Dostoiévski

O escritor russo Fiodor M. Dostoiévski (1821-1881) é conhecido por sua penetração no universo da psicologia humana em suas obras literárias. Seu livro *Os Demônios*, de 1872, tem como cenário o caos político da Rússia imperial. O ateu Kirilov é uma das cinco personagens ideológicas principais. Ele afirma que Deus não existe e então tudo é bom e possível. E acredita que, ao tirar a própria vida sem nenhuma razão, conseguirá comprovar sua determinação sobre a vida e a morte, tornando-se um “homem-deus”. E crê ainda que seu suicídio servirá como exemplo da liberdade humana: transcende a religião e convence a todos do potencial de ser novos deuses.



Fiodor Dostoiévski

reprodução

Contudo, a busca desse infinito potencial é empírica e deve ser empreendida com o máximo de prudência, se a pessoa deseja evitar a arrogância obcecada do “homem-deus” de Fiodor Dostoiévski (1821-1881). É seguir a advertência de Bergson: “Se existe realmente um problema do espírito, em termos da experiência, esse problema tanto deve ser afirmado positivamente quanto solucionado de modo progressivo e parcial”.<sup>31</sup>

A afirmação é comparável à ênfase que o Budismo dá ao mundo da experiência, a necessidade da comprovação documental, real e teórica de qualquer afirmativa da verdade religiosa. Recordo-me das palavras do meu mestre, profundamente versado em matemática: “Quanto mais a ciência progride, mais se comprova a legitimidade dos ensinamentos do Budismo”.

Apesar de seu esforço para vislumbrar a eternidade da vida, Bergson se recusou à formulação em termos dogmáticos. O Budismo vê a vida como uma continuidade ininterrupta da vida presente para a vida futura, sem qualquer separação entre a vida presente e o que precede ao nascimento e entre a vida presente que vem depois da morte. O mestre budista chinês Tient'ai (538-597) descreveu-a como “surgimento” e “extinção” de uma natureza intrínseca (*hossho*, em japonês). Em outras palavras, o Budismo considera a vida a forma manifesta dessa natureza intrínseca e a morte, o estado latente no interior do constante fluxo da origem dependente.

Abordei este princípio numa palestra na Universidade de Harvard em setembro de 1993, quando mostrei a capacidade do ideal budista de vivenciar a vida e a morte com a mesma satisfação, sentindo-se “feliz e tranquilo” tanto na vida quanto na morte. Esta é a razão de minha tanta afinidade com o otimismo e a compreensão que Bergson tinha da natureza da vida. É essencial manter um método empírico tal como o de Bergson para evitar que a religião caia na armadilha do dogma. Foi o que senti profundamente nos meus diálogos com o historiador britânico Dr. Arnold J. Toynbee (1889-1975), na década de 1970.

O otimismo de Bergson, sua fé na busca do infinito potencial do espírito, contempla a abertura — da alma, da sociedade, da moral e de uma religião aberta e dinâmica — até atingir o amor pela humanidade. Em nítido contraste, o mundo está confinado num espaço espiritual. Vergado por um sufocante pessimismo, o espírito humano se encolhe atrofiado, insignificante; neste ambiente opressivo, está cada vez mais distante o sonho de se elevar acima de si próprio.

É exatamente por estar em posição totalmente oposta às tendências contemporâneas, cujos sinais são encontrados em todos os lugares, que o método de Bergson ganha gran-



#### ENCONTROS HISTÓRICOS

Em 1972 e 1973, o presidente Ikeda dialogou com o historiador Arnold J. Toynbee (ambos ao centro) sobre importantes temas da humanidade

de significação. Seu otimismo satisfaz a visão catalisadora de um futuro cheio de esperança, um novo curso da civilização moderna. É este o desejo de todos os indivíduos que defendem os ideais do humanismo. Se esse propósito pode ser ou não alcançado, depende, em última instância, da profundidade de conscientização e do grau de responsabilidade.

Bergson conclui o livro *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Razão, tradução livre] com as seguintes palavras:

“A humanidade continua com seu lamento, um tanto oprimida pelo peso do seu próprio progresso. Os homens não conseguem compreender que o futuro está em suas mãos. Sua tarefa é determinar, em primeiro lugar, se pretendem ou não continuar vivendo. E assim é de sua responsabilidade a decisão: se querem simplesmente viver ou estão dispostos a um esforço imprescindível para cumprir, mesmo neste planeta refratário, a função essencial do universo — máquina para a formação de deuses”.<sup>32</sup>



#### RUMO A UM NOVO HUMANISMO

O presidente Ikeda dialogou com o reitor Victor Sadovnichy no prédio do *Seikyo Shimbun* em 5 de novembro de 2008, Tóquio Japão

O enigma do universo como máquina para a formação de deuses conduz ao pleno desabrochar da vida criadora, da qual, no processo de evolução, apenas os seres humanos são capazes. O “ímpeto do amor” se expande, envolve toda a humanidade. As pessoas que passaram por transformação profunda, inspiradas e preparadas por um “gigante espiritual”, de alma profundamente temperada por uma experiência mística, conseguem dar um testemunho da força deste processo.

Foi com estes pensamentos que Victor Antonovich Sadovnichy, reitor da Universidade Estatal de Moscou, e eu decidimos dar ao nosso diálogo o título: *Por uma Nova Humanidade e um Novo Mundo*. Somente uma nova humanidade é capaz de assumir a liderança desta grande transformação. Esses indivíduos se recusam a ser reduzidos a meros componentes de mecanismos ou insti-

tuições sociais: pessoas criadoras, firmes e convictas do seu ilimitado potencial, conduzidas pelo livre-arbítrio na ampliação perseverante de seus horizontes.

À medida que nos valem, de maneira cada vez mais obsessiva, de fatores externos, tais como os sistemas e as estruturas sociais, as pessoas se afastam do seu legítimo papel de formadoras e protagonistas da história. O século 20 carrega um amargo testemunho desta verdade.

Quando nos pede que, além da opção de viver, nos cabe preferir uma vida fecunda, Bergson insiste no nascimento de uma nova humanidade. Suas palavras expressam concordância com estas, de outro grande sábio, C. G. Jung (1875-1961): “Se o indivíduo não regenerar totalmente o seu espírito, a sociedade também não se regenera. (...) A salvação do mundo começa pela salvação da alma do indivíduo”.<sup>33</sup>



Determinados a percorrer o autêntico caminho da justiça, traçado pelos maiores filósofos e pensadores do mundo, nós, da SGI, nos esforçamos constantemente para construir um movimento humanista em escala mundial. É uma realização sem paralelo na história do Budismo. Tenho a convicção de que nosso movimento crescerá, irradiando esplendor e conquistando o apoio de pessoas de bem, porque trabalhamos em conjunto para mudar o rumo da civilização.

### **A força da sociedade civil**

**A** respeito da fé na capacidade criadora ilimitada dos seres humanos, quero trazer algumas questões concretas, com as quais teremos de lidar para o bem do futuro do nosso planeta.

Com o fim da guerra fria, a integração econômica mundial provocou situações delicadas com a pobreza e a destruição ambiental, que exigem a preocupação universal. Nos primeiros anos do século 21, o mundo sofreu abalos profundos — dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 à recente crise econômica. As tentativas para enfrentar esses problemas não só diminuíram, regrediram.

Um sinal desta regressão é o baixo grau de resultados dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), instituídos pelas Nações Unidas em 2000. Mais de oito milhões de pessoas morrem anualmente em decorrência direta ou indireta da pobreza extrema, a dignidade da vida de mais de um bilhão de pessoas está sujeita a ameaças diárias.<sup>34</sup>

Os ODMs eram uma esperança de aliviar essas calamidades. Com o declínio da economia mundial, diminuiu também o ritmo da cooperação internacional. Salvo a importante redução da metade do número de pessoas que viviam na miséria, são poucas as perspectivas de atingir, até 2015, outros ODMs.

Por outro lado, vejo que encontraram uma barreira os esforços para a diminuição

**“Mais de oito milhões** de pessoas morrem anualmente em decorrência direta ou indireta da pobreza extrema, a dignidade da vida de mais de um bilhão de pessoas está sujeita a ameaças diárias”

do aquecimento do nosso planeta. A 16ª Sessão da Conferência das Partes (COP 16) para a Convenção Básica das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), realizada no México em dezembro, terminou sem um acordo para a redução das emissões de gases do efeito estufa a partir de 2012, ano em que se encerra o primeiro período de compromisso do Protocolo de Kyoto.

A resposta a estas questões prementes é claramente inadequada. Parece um reflexo das limitações inerentes a negociações e deliberações intergovernamentais. Quando se reconhece a existência ostensiva de um problema, e tarda a ser considerada uma ameaça real às condições fundamentais da vida de uma sociedade, fica difícil reunir vontade política para medidas concretas, de forma independente, ou em coordenação com outros Estados.

As respostas e a ajuda política, frequentemente tardias, são verdadeiras “tábuas de salvação” para muitas pessoas, uma rede de segurança para as futuras gerações. A falta de ações não se justifica. É fundamental garantir respostas aos desafios mundiais, para que não sejam preteridas pelos conflitos de interesses nacionais.

Deve ser constante a atenção às pessoas cuja vida sofre diretamente o impacto dessas ameaças.

Já não basta mais apenas a advertência: chegou a hora da ação e da solidariedade.

“Nos lugares onde não existe liderança política internacional, a sociedade civil deve intervir e preencher a lacuna, com a energia e a visão necessárias para dar ao mundo um caminho novo”

Com esta nova orientação, as Nações Unidas devem ter um papel central, uma conscientização já refletida no tema escolhido para os debates da Assembleia Geral de 2010: “o papel das Nações Unidas no controle mundial”.

Reforçou esta necessidade a proposta de Dag Hammarskjöld (1905-1961), segundo secretário-geral das Nações Unidas. Procurou encontrar formas de capacitar as Nações Unidas para dar respostas às crises não limitadas pelo seu papel reconciliador. Hammarskjöld referiu-se ao conceito de evolução criadora de Bergson e insistiu em que as Nações Unidas, como um “organismo vivo”,<sup>35</sup> necessitavam crescer continuamente para atender às variáveis exigências que lhe são requeridas. Sua visão continua válida até hoje.

Creio que para cumprir a visão de Hammarskjöld é mister que os empreendimentos de colaboração das Nações Unidas com a sociedade civil sejam consolidados, particularmente com as organizações não governamentais (ONGs). Recordemos que a energia vital da ONU está, para citar o Preâmbulo da sua Carta, em “Nós, os povos...”, isto é, cada habitante da Terra.

Vale a pena mencionar a nova visão de liderança que se encontrava no âmago do *Relatório Final da Comissão sobre Governança Global, Nossa Vizinhaça Global*, no cinquentenário das Nações Unidas, em 1995: “Por liderança, não nos referimos apenas às pessoas nos mais altos níveis nacionais e internacio-



**A ONU COMO “ORGANISMO VIVO”**  
O sueco Dag Hammarskjöld, segundo secretário-geral da ONU, abril de 1953



nais. Mas também às de qualquer nível”.<sup>36</sup>

A comissão clamou uma “liderança corajosa e de longo prazo”<sup>37</sup> das ONGs, dos grupos comunitários de pequena escala, do setor privado e das empresas, dos cientistas e especialistas, dos setores da educação, da imprensa e da religião.

Nos lugares onde não existe liderança política internacional, a sociedade civil deve intervir e preencher a lacuna, com a energia e a visão necessárias para dar ao mundo um



#### **FÓRUM DOS POVOS**

Plenário da Assembleia  
Geral das Nações Unidas,  
em dezembro de 2010

caminho novo. Precisamos de mudança de paradigma. É preciso reconhecer que a essência da liderança está nas pessoas comuns — quaisquer que sejam e onde quer que se encontrem — cumprindo o papel que é somente delas. Esta é, por sua vez, a base que, como queria Arquimedes, nos permite fazer o mundo se movimentar.

Quando cada um de nós dá contribuição exemplar e, juntos, desenvolvemos redes de solidariedade múltiplas, aprendemos as amar-

gas lições do século 20 tão estigmatizado pela guerra e pela violência.

Só então construiremos uma nova era, fundamentada no respeito dos valores humanos da dignidade da vida.

Com esta convicção, destaco ações iluminadas de pessoas comuns, solidárias às Nações Unidas, pelo êxito de dois desafios da segunda década deste século: a proibição e a abolição das armas nucleares e a formação de uma cultura dos direitos humanos.



UN Photo/Eskinder Debebe

#### ENERGIA ATÔMICA EM DISCUSSÃO

Yukiya Amano, diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica discursou durante sessão da Conferência do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares, em maio de 2010

#### Por um mundo livre de armas nucleares

A Conferência de Revisão das Partes do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), realizada em maio de 2010, surgiu da urgente necessidade de não repetir a experiência da Conferência de Revisão de 2005, que prejudicada por uma profunda divisão interna, acabou sem acordo substancial.

O Documento Final, emitido pela Conferência de 2010, continha pontos essenciais. Reafirmava que a única garantia incondicional contra a ameaça dessas armas malignas é sua total eliminação; concordava com a lei humanitária internacional, levando em conta as consequências catastróficas do uso de qualquer tipo de armamento nuclear e reivindicava a criação de uma estrutura capaz de manter o mundo sem tais armas, numa referência à Convenção sobre Armas Nucleares (NWC).

Todas estas ideias são defendidas por ONGs, sobretudo, por pessoas que sobreviveram às bombas atômicas. É genuína a necessidade de que sejam afirmadas de forma clara em documento oficial das partes do TNP, que envolve o maior número de signatários de qualquer outro tratado relativo às armas atômicas. Trabalhem para que o consenso refletido neste documento sirva de exemplo a outras iniciativas de apoio a um mundo livre dessas armas letais.

Proponho três desafios, em nome de “Nós, os povos...”:

1. Reconhecendo que a abolição total é a única garantia incondicional contra a ameaça das armas atômicas, criar estruturas que favoreçam aos Estados detentores a eliminação de seus estoques.

2. Considerando inadmissível a ação de qualquer país contrário a um mundo livre de armas nucleares, instituir meios de impedir e proibir a propagação desses pronunciamentos.

3. Fundamentados na consciência de que esses armamentos nucleares são as mais desumanas de todas, capazes de causar consequências catastróficas, estabelecer em breve uma Convenção sobre Armas Nucleares.

Cada um destes desafios requer dos Estados uma mudança de atitude. Mais essencial é o compromisso fervoroso dos cidadãos conscientes de que o povo pode sim dar um novo rumo à história humana.

Em relação ao primeiro desafio, a promoção do desarmamento total, é necessário um diálogo contínuo e a negociação nas Nações Unidas com a participação de todos os Estados.

O Novo Tratado de Redução de Armas Estratégicas (Start), assinado pelos presidentes americano, Barack Obama, e russo, Dmitry Medvedev, em abril de 2010, foi agora ratificado pelas leis desses dois países e aguar-

da apenas a troca formal dos instrumentos legais. Embora este tratado estabeleça uma redução limitada de armas nucleares táticas de curto alcance, a verdade é que Rússia e Estados Unidos possuem juntos mais de 90% do arsenal atômico mundial. Razão maior para que sejam aplaudidas as ações responsáveis, na luta pelo desarmamento. Mas já é um avanço positivo a intenção do governo Obama de reforçar as negociações pela redução daqueles armamentos.

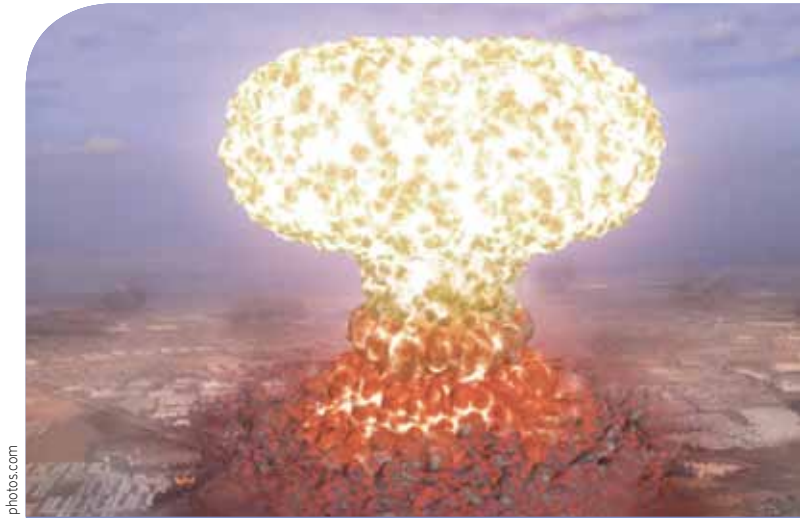
Espero ainda que, de acordo com a visão expressa no Preâmbulo do Novo Start, este processo se amplie, tornando-se multilateral e incluindo todos os Estados possuidores de armas nucleares. Peço também a revisão indispensável no sistema de desarmamento nuclear, de tal forma que o objetivo das negociações multilaterais não se limite ao controle de armamentos, mas que contemple claramente a abolição total.

Com a finalidade de criar um ambiente propício a essas negociações, é necessária a rejeição da teoria favorável à posse de armas nucleares para manter a segurança, pelo equilíbrio do terror. Para alcançar essa finalidade, é imprescindível desvencilhar de uma vez por todas a infeliz combinação de posse com segurança. É claro que todo Estado quer a segurança dos seus cidadãos. Mas, sem armas nucleares.

O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, visitou Hiroshima em agosto passado e louvou o sucesso da Cúpula do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 2009 sobre a não proliferação nuclear e o desarmamento. Reivindicou ainda a convocação periódica dessas cúpulas, iniciada este ano, como impulso político a favor de um mundo livre dessas armas assassinas.

Faz anos que peço, sem desanimar, a realização periódica desse tipo de cúpula e ofereço todo o meu apoio à proposta do secretário-geral. Proponho ainda que as cúpulas não se restrinjam apenas aos membros

do Conselho de Segurança: sejam abertas à participação de Estados que optaram por abandonar suas armas ou programas e que os especialistas nesse campo e os representantes de organizações não governamentais também tenham a oportunidade de opinião.



photos.com

### Os Estados que renunciaram às armas nucleares

Quatro países que detinham armas nucleares optaram por renunciar a elas. A África do Sul, que em 1980 possuía seis armas nucleares, decidiu desmontá-las em 1989, tornando-se a primeira nação no mundo a dispor delas voluntariamente. Em 1991, a África do Sul assinou o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) e seu governo baniu qualquer tipo de desenvolvimento, produção, divulgação, importação ou exportação de armas atômicas, atento às exigências do TNP. Ucrânia, Cazaquistão e Belarus mantinham juntos mais de quatro mil desses armamentos em seus territórios, na época em que a União Soviética foi dissolvida. Todo o arsenal foi devolvido à Rússia em 1996. Ucrânia, Cazaquistão e Belarus assinaram o TNP. Além deles, a Líbia, a Argentina e o Brasil mantinham programas de desenvolvimento de armas nucleares, mas foram abandonados.



UN Photo/Eskinder Debebe

Os peritos que participaram da Consulta de Opinião da Corte Internacional de Justiça (CIJ) de 1996 sobre a Legalidade da Ameaça ou do Emprego de Armas Atômicas concordam unanimemente que o artigo VI do TNP obriga os Estados detentores dessas armas a não apenas participar de boa-fé nas negociações pelo desarmamento, mas, sobretudo, fazer do desarmamento o resultado dessas negociações.

O ex-presidente do CIJ, Mohammed Bedjaoui, dirigente das deliberações da Consulta de Opinião, advertiu que os participantes do TNP têm o direito de exigir que os Estados de armas nucleares cumpram suas obrigações e podem invocar o artigo VI do TNP caso não sejam cumpridas.

Durante os procedimentos, o CIJ recebeu aproximadamente quatro milhões de “declarações de consciência pública”, clara confirmação de que o povo em geral condena as armas nucleares. Demonstra que qualquer

processo ou deliberação que comprometa o destino da humanidade deve levar em conta as vozes da sociedade civil.

As questões que discuto nesta Proposta solicito que sejam levadas às cúpulas periódicas do Conselho de Segurança, contribuição para o seu grande empenho de formas concretas que conduzam a um mundo livre de armas nucleares. O ano de 2015 é sua meta. Defendo que as cidades de Hiroshima e Nagasaki sejam a sede da Conferência de Revisão do TNP. E que essa conferência reúna líderes de nações, mas também representantes da sociedade civil mundial, caracterizada como verdadeira cúpula pelo fim da era nuclear.

Em abril de 2010, realizou-se em Hiroshima um encontro do Conselho de Interação de ex-chefes de Estado e de governo. Os participantes visitaram o Museu Memorial da Paz e ouviram testemunhos de sobreviventes da bomba. Ao final, fizeram um manifesto

#### MEMÓRIA

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, visita o Museu da Bomba Atômica de Nagasaki, em agosto de 2010

ressaltando a importância de uma visita a Hiroshima de líderes mundiais, especialmente dos países de armas atômicas. Esta é uma ideia na qual persevero há muitos anos: se os governantes do mundo testemunhassem as consequências dramáticas dos bombardeios atômicos, muito certamente tomariam a decisão de livrar o mundo do perigo nuclear.

### O fim dos testes nucleares

Quanto ao segundo desafio, impedir e proibir armas nucleares, sua principal razão é efetivar o Tratado Abrangente de Proibição de Testes Nucleares (CTBT).

Adotado em 1996, o CTBT foi assinado por 182 países e ratificado por 153. Entretanto, as condições para que se torne uma obrigação legal com poder de lei internacional, são rigorosas: todos os 44 países de tecnologia nuclear devem ratificá-lo, o que ainda não aconteceu.

Creio que os Estados sem armas nucleares e as organizações da sociedade civil devem trabalhar de mãos dadas para encorajar aqueles países que ainda não ratificaram o tratado. Além da proibição dos testes nucleares, a efetivação do CTBT alcançaria três grandes resultados:

1. Ao englobar aqueles países ainda não partidários, o TNP será efetivamente universal;
2. Expressa o desejo da sociedade internacional de proibir para sempre a realização de testes nucleares, fortalecendo os fundamentos psicológicos para a abolição dessas armas; e
3. A existência de um sistema global de monitoração e inspeção do cumprimento, administrado pela organização do tratado (CTBTO), proverá um modelo institucional para uma Convenção sobre Armas Nucleares. A NWC ganhará uma perspectiva mais realista na mente das pessoas.

**“Se os governantes do mundo testemunhassem as consequências dramáticas dos bombardeios atômicos, muito certamente tomariam a decisão de livrar o mundo do perigo nuclear”**

Seguindo o exemplo da prontidão da Índia em ratificar o CTBT, oito países pertencentes ao “Anexo 2”<sup>39</sup> ainda devem assiná-lo e/ou ratificá-lo. Para assegurar o necessário parecer favorável desses Estados remanescentes, a Conferência para Facilitar a Efetivação do Tratado Abrangente de Proibição de Testes Nucleares, realizada em Nova York em 2009, adotou de forma unânime a declaração encorajando iniciativas bilaterais, regionais e multilaterais. Inspirado nela, proponho acordos interligados de obrigação mútua, garantia da assinatura e/ou ratificação dos Estados ausentes, dentro de um período fixado. Caberá à ONU a mediação desses acordos.

Estas medidas podem assumir a forma, por exemplo, de um compromisso bilateral, a ser assinado pela Índia e pelo Paquistão e um acordo tríplice pela ratificação mútua, assinado por Egito, Irã e Israel. No nordeste da Ásia, a Conferência dos Seis pode promover um acordo entre Estados Unidos e China para a ratificação do CTBT. Estará criada uma zona em que todas as partes se comprometam a não utilizar armas nucleares e a Coreia do Norte abandone seus programas de armas atômicas.

As tensões na Península Coreana acentuaram-se com o afundamento do navio de guerra sul-coreano Cheonan e com o bombardeamento norte-coreano da ilha de Yeonpyeong.

### **As recentes tensões na Península Coreana**

Em 26 de março de 2010, o navio de guerra sul-coreano Cheonan, de 1.200 toneladas e uma tripulação de 104 pessoas, afundou nas águas da costa oeste da Península Coreana. Morreram 46 marinheiros, após uma explosão que destruiu a popa. Embora não se conheça a causa da explosão, uma equipe multinacional de investigadores relatou que havia enorme possibilidade de o Cheonan ter sido afundado por um torpedo lançado pela Coreia do Norte. Este país negou a responsabilidade pelo ataque. Em 23 de novembro, quatro sul-coreanos foram mortos e dezenove ficaram feridos quando a Coreia do Norte disparou projéteis de artilharia contra a ilha sul-coreana de Yeonpyeong, próxima da fronteira marítima dos dois países, na costa oeste da península. A Coreia do Sul retaliou com fogo de artilharia. Foi a primeira batalha militar entre os dois países desde a década de 1970.

É urgente o uso de todos os recursos diplomáticos para solucionar este impasse. A paz e a estabilidade da região, mesmo em longo prazo, dependem de uma rápida solução da questão nuclear norte-coreana.

De maneira similar, a estabilidade regional duradoura no Oriente Médio é impensável sem a desnuclearização. Contudo, é ainda incerta a realização, em 2012, de uma conferência internacional para a criação de uma zona livre de armas de destruição em massa (como decidiu a Conferência de Revisão do TNP) e muito menos incerta que ela seja bem-sucedida. Cresce, portanto, a necessidade de maior esforço para alcançar resultados positivos.

Um passo preliminar para essa conferência poderiam ser os diálogos informais sobre, por exemplo, uma moratória ou uma não expansão do armazenamento de ar-

mas de destruição em massa, incluindo as nucleares. O que importa é sentar à mesma mesa e começar as discussões, porque abrirá a oportunidade de nos fortalecer a consciência da repercussão das nossas próprias políticas, se são bem recebidas ou consideradas uma ameaça.

Os obstáculos no caminho para a realização de uma conferência no Oriente Médio exigem da comunidade internacional apoio vital. E, particularmente, espero que o Japão, país que sofreu com as armas nucleares e que trabalha ativamente pela efetivação do CTBT, pressione a desnuclearização do nordeste da Ásia e a criação de condições propícias a negociações que livrem o Oriente Médio de todas as armas de destruição em massa, até as nucleares.

Por sua vez, a SGI continuará a exibir em diferentes lugares ao redor do mundo, inclusive no Oriente Médio, a exposição “Da Cultura da Violência para a Cultura de Paz: a Transformação do Espírito Humano”, com o intuito de comover a opinião pública internacional para a efetivação do CTBT e a expansão das zonas livres de armas atômicas.

Clamo pela adoção de acordos proibindo o desenvolvimento de novas e mais perigosas armas nucleares. Esta questão começou a ser discutida no debate da Conferência de Revisão do TNP do último ano, mas logo foi deixada de lado pela oposição de Estados nucleares. A verdade é que a recusa em tratar deste assunto ameaça minar os fundamentos dos regimes tanto do TNP quanto do CTBT.

Os Estados Unidos aumentaram o orçamento para a modernização de suas armas e instalações nucleares e, em setembro de 2010, retomaram testes nucleares com reatores subcríticos. Além de embarçar as projeções para o CTBT, ferem as esperanças de um mundo livre do perigo atômico.

Insisto: os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas devem reiterar sua declaração conjunta





de 2008, mantendo a moratória dos testes nucleares e declarando o fim de toda e qualquer modernização dessas armas.

### **Tornar as armas nucleares ilegais**

**M**inha terceira recomendação é uma Convenção sobre Armas Nucleares, que torne ilegais todas as armas de massacre indiscriminado. Uma espécie de lei mundial — com autoridade e legitimidade máximas, oriundas do desejo dos povos do mundo.

A Declaração Final da Conferência de Revisão do TNP do ano passado “expressa (...) profunda preocupação com as consequências catastróficas para a humanidade do emprego de qualquer tipo de armas nucleares e reafirma a necessidade de todos os Estados segui-

rem, o tempo todo, as leis internacionalmente aplicáveis, incluindo leis humanitárias internacionais”.<sup>40</sup>

Esta declaração se constrói sobre o Parecer Consultivo da CIJ de 1996 e é inovadora, porquanto sugere a ilegalidade total das armas nucleares. A aplicação descomprometida do princípio de que armas desumanas nunca serão usadas elimina a possibilidade de considerar as nucleares equivalentes, de alguma forma, a outras armas, utilizadas conforme as circunstâncias.

A natureza excepcional das armas atômicas também é reforçada pela CIJ cujo Parecer Consultivo exige: “Notemos as características únicas das armas nucleares e, em particular, sua capacidade destruidora, que causa sofrimento humano indescritível e danos morais às gerações vindouras”.<sup>41</sup>

### **CONSCIENTIZAÇÃO**

Visitantes da exposição “Armas Nucleares: Ameaça ao Nosso Mundo”, em Nova Délhi, Índia

Estas armas são fundamentalmente incompatíveis com os princípios das leis humanitárias internacionais, seja quem for que as possua ou quaisquer que sejam as suas razões para possuí-las. Esta é a consciência que deve ser cultivada e difundida.

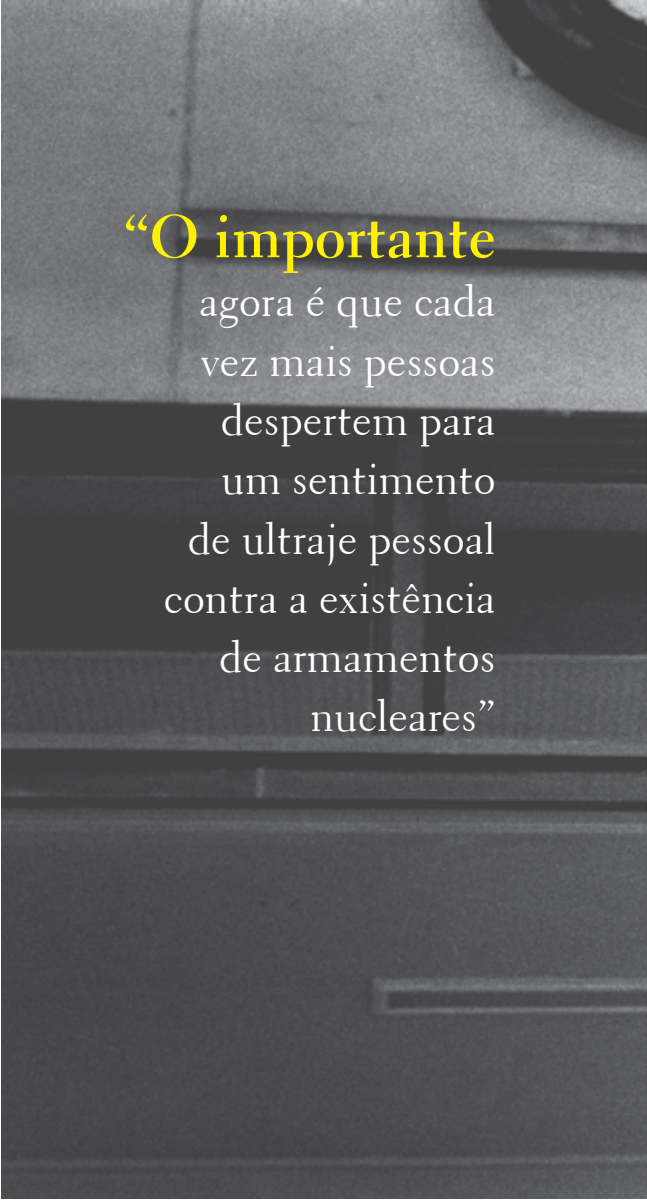
Em 1957, meu mestre e segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, condenou as armas nucleares como um mal absoluto e bradou pela proibição. Seu desejo era minar a lógica de qualquer argumento que justificasse a posse ou o uso das armas nucleares. Toda reconheceu que são as pessoas comuns as principais vítimas da guerra e que distinção entre nações amigas e inimigas não tem sentido algum.

Já contei que Toda resistira destemidamente ao militarismo japonês durante a Segunda Guerra Mundial: afirmou que sua vontade mais profunda era “ver a palavra ‘infelicidade’ desaparecer de todos os países e por todos os indivíduos”.<sup>42</sup> Ele entendia que a guerra feita com armas nucleares levaria inevitavelmente ao caos e ao sofrimento inimaginável aos cidadãos em todos os lugares do mundo.

Toda fez esta declaração no auge da guerra fria, num momento em que o mundo estava firmemente dividido entre o bloco Oriental e o Ocidental. Naquela época, qualquer crítica às armas atômicas no fundo se dirigiam às que estavam na posse do bloco oposto. Mas Toda enxergava além dessas diferenças de ideologia e de sistemas políticos. Como budista, permaneceu irredutivelmente comprometido com o valor universal da dignidade da vida e condenou as armas nucleares uma afronta ao direito inalienável da humanidade à vida.

O momento que vivemos é um divisor de águas. Temos perante nós o potencial capaz de dar fim à era das armas nucleares com um tratado que as elimine totalmente. Não podemos perder esta oportunidade histórica.

É de grande significação que, em sua Declaração Final, a Conferência de Revisão do TNP



“O importante agora é que cada vez mais pessoas despertem para um sentimento de ultraje pessoal contra a existência de armamentos nucleares”

faça referência, ainda que indireta, a uma Convenção sobre Armas Nucleares (NWC). Porque dá uma abertura a ser adotada, para a criação de um mundo livre de armas nucleares. Para tanto, proponho a realização antecipada de uma conferência preparatória da NWC, com uma iniciativa conjunta dos Estados e das ONGs que procurem proibir armas nucleares. Ainda que a princípio a participação governamental seja limitada, seria dada prioridade a um local para negociar um tratado definitivo.



### JOSSEI TODA

Segundo presidente da Soka Gakkai profere sua declaração antinuclear, em Yokohama, 1957

O trabalho da Conferência deveria distinguir o fortalecimento de uma proibição, que não permita exceções e tenha um cronograma claro de sua implantação. Os repetidos encontros dessa conferência e a adesão de outros governos e ONGs abrem caminho para preparação das negociações oficiais.

No ano passado, a Malásia e a Costa Rica encaminharam uma resolução para a Assembleia Geral da ONU propondo o início das negociações para uma Convenção sobre Armas

Nucleares. Esta resolução obteve o apoio de mais de 130 Estados, entre eles China, Índia, Paquistão e Coreia do Norte. Estes sinais de consenso emergente, entretanto, não chegam a ser suficientes para permitir que a NWC colha frutos e atinja seu objetivo de um mundo livre da perversidade nuclear.

Se a sociedade civil mundial levantar sua voz e crescer de presença, erguendo mudança avassaladora na opinião internacional, terá um poder que nenhum governo poderia resistir. Força é começar um processo que cristalice o desejo dos povos do mundo por uma forma concreta e legalmente coercitiva. Este é o objetivo claro que devemos perseguir.

A lei resultante de tal movimento traria em seu bojo o mandato de cada um dos cidadãos do mundo, tanto em termos de sua instituição quanto em termos de garantia do seu cumprimento. Neste sentido, uma NWC representaria uma transformação qualitativa na lei internacional que, tradicionalmente, regula as relações entre Estados e seria, de fato, uma espécie de lei internacional.

Até hoje, aqueles que clamam pela proibição de armas nucleares ou por sua abolição, têm tratado o assunto a partir de duas perspectivas. A primeira incide na natureza desumana das armas nucleares; a segunda, nos perigos práticos que apresentam, em função de novas formas de proliferação e reprodução.

A Conferência de Revisão do TNP incorporou ambas as perspectivas e deveríamos reconhecer a legitimidade desses dois grupos, coerentes com a necessidade da expansão e do impulso na direção de um mundo sem essas armas.

Mas o importante agora é que cada vez mais pessoas despertem para um sentimento de ultraje pessoal contra a existência de armamentos nucleares e, assim, sintam-se chamadas a um papel de liderança proativa e transformadora. Compartilho de propostas para alcançar uma solidariedade popular na rejeição às armas nucleares:

## “Cada um de nós deve tomar uma decisão e determinação pessoal de construir um novo mundo, livre dessas armas malignas”

1. Nenhum país e nenhum líder têm o direito de usar armas nucleares, que podem roubar instantaneamente a vida e o futuro de um número incalculável de seres humanos.

2. As armas nucleares não podem ser o fundamento de Acordos de Segurança. Mesmo que não sejam utilizadas militarmente, seu aperfeiçoamento e teste causam dano à saúde das pessoas e ao meio ambiente. Basta a própria existência delas: permanente estímulo à escalada e à proliferação bélica.

3. Nós rejeitamos, como forma de minar a vocação humana de coexistir em paz, a mentalidade favorável às ações realizadas em nome da segurança e dos interesses próprios e do país — uma maneira de pensar que protege a posse de armas nucleares.

As três afirmações expressam o princípio humanitário em seu sentido mais amplo — a recusa de querer a própria felicidade à custa dos outros — como também o objetivo da segurança humana, proteger a dignidade da vida em todas as circunstâncias.

À luz destes princípios, fica claro que as armas nucleares são um mal absoluto. Esta é a mensagem que a SGI vem lutando para persuadir um número a cada dia maior de pessoas, mais recentemente pela linguagem da exposição “Da Cultura da Violência para a Cultura de Paz: a Transformação do Espírito Humano”.

A ameaça das armas nucleares não é nem imediatamente visível nem consistentemente palpável na vida cotidiana, e há a

tendência a considerar essa ameaça como mera relíquia de um passado trágico.

Para derrubar as paredes da indiferença, não basta apenas conscientizar as pessoas da natureza desumana do poder atômico. Devemos reconhecer a irracionalidade e a desumanidade de viver num mundo ameaçado por essas armas.

Neste sentido, concordo plenamente com o sentimento do presidente das Conferências Pugwash sobre Ciências e Questões Mundiais e ex-subsecretário-geral para Assuntos de Desarmamento das Nações Unidas, Jayantha Dhanapala:

O desarmamento é predominantemente um esforço humanitário pela proteção dos direitos humanos dos povos e por sua sobrevivência. Devemos considerar a campanha pelo desarmamento análoga às campanhas contra a escravidão, pela igualdade entre os gêneros e pela abolição do trabalho infantil.<sup>43</sup>

O trabalho crucial é sensibilizar as pessoas para esta verdade: trata-se de uma questão de consciência humana. Nós não podemos permitir que as pessoas de nenhum país sejam vítimas de armas nucleares, cada indivíduo precisa expressar sua recusa em continuar a viver à sombra de seu perigo.

Cada um de nós deve tomar uma decisão e determinação pessoal de construir um novo mundo, livre dessas armas malignas. O peso acumulado dessas escolhas, feitas por cada cidadão, pode ser base e princípio de uma Convenção sobre Armas Nucleares.

De nossa parte, a SGI iniciou a Década dos Povos para a Abolição Nuclear em 2007, cinquentenário do apelo de Jossei Toda, ao qual já me referi. Para promover a Década, organizamos exposições e seminários, colaboramos com a Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (ICAN), promovida pela Associação Internacional dos Médicos pela Prevenção da Guerra Nuclear (IPPNW) e inicia-

**PELA PAZ**

Monumento em homenagem às vítimas da bomba atômica de Hiroshima, Japão



mos um projeto com a agência de notícias Inter Press Service (IPS) para apoiar a cobertura minuciosa de assuntos atômicos.

Em 2010, os jovens da Soka Gakkai no Japão coletaram mais de 2,2 milhões de assinaturas, pedindo uma Convenção sobre Armas Nucleares, apresentando-as à presidência da Conferência de Revisão do TNP e ao secretário-geral da ONU. Ao mesmo tempo, jovens e estudantes da SGI, em oito países, realizaram uma pesquisa sobre a opinião de seus companheiros. Ambos os esforços reafirmaram a oficiais da ONU e a especialistas em desarmamento quão comprometidos estão os jovens.

Chegou para a sociedade civil mundial a hora de uma ação conjunta. A SGI já promove a Década dos Povos, especialmente para tornar realidade a Convenção sobre Armas Nucleares. Com a liderança da juventude, damos impulso para que a Convenção aconteça em 2015, septuagésimo aniversário dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki.

### Construir uma cultura de direitos humanos

A expressão “cultura de direitos humanos” começou a ser popularizada na Década das Nações Unidas da Educação em Direitos Humanos (1995-2004). Tem o valor de um *ethos* inculcado na sociedade, que encoraja as pessoas a tomar a iniciativa de respeitar e proteger, em toda a sua abrangência, os direitos humanos e a dignidade da vida. Esta diretriz das Nações Unidas foi adotada amplamente graças ao trabalho de ONGs. Tão importante quanto a consciência de suas garantias legais é a necessidade de prever as violações dos direitos humanos.

Atualmente, empenho-me num diálogo com o historiador americano Dr. Vicent Harding, amigo íntimo do líder dos direitos civis, Dr. Martin Luther King Jr., e que há muitos anos luta pelos direitos humanos. Fiquei



impressionado com sua observação, muito pertinente, de que o termo “movimento pelos direitos civis” é inadequado para descrever o movimento em que o Dr. King e outros se envolveram. O Dr. Harding temia que as gerações vindouras pudessem entender o movimento como um simples processo já concluído com a adoção de leis contra a discriminação e afirma:

Se em vez de “movimento pelos direitos civis”, disséssemos “expansão da democracia”, então, cada nova geração assumiria a responsabilidade de expandir a democracia além dos limites que encontrar. Este é um dever de cada nova geração.<sup>44</sup>

É necessário compreender que a simples codificação dos direitos humanos em lei não significa que eles serão cumpridos. A fonte espiritual que apoia a lei está na conquista desses direitos. Sua irradiação está nas gerações de indivíduos corajosos que

#### HIROSHIMA

Campanha de assinaturas pela abolição das armas nucleares promovida pelos jovens da SGI



**DÉCADA DOS POVOS  
PELA ABOLIÇÃO DAS  
ARMAS NUCLEARES**

Os jovens da SGI  
recolheram mais de  
2 milhões de assinaturas  
pela adoção de um  
Tratado de Proibição das  
Armas Nucleares, em  
maio de 2010

aceitaram o desafio de expandi-los como herdeiros do seu espírito. É a linha mestra para plantar a dignidade da vida, em sintonia com a percepção do Budismo à qual me referi anteriormente: “A Lei não se propaga por si só: como são as pessoas que a propagam, tanto as pessoas como a Lei são dignas de respeito”.

Para o Budismo, todas as pessoas são essencialmente iguais, são seres vivos, têm valor e dignidade supremos. É por meio da ação que a dignidade se manifesta. Como Sakyamuni advertiu:

*Não julgue pelo nascimento, mas pela vida.  
Como de faíscas nasce o fogo,  
um nascimento infeliz pode  
gerar um sábio,  
nobre, leal e verdadeiro.<sup>45</sup>*

O Budismo é um ensinamento que também assegura a felicidade e a segurança tanto para uma pessoa quanto para os outros.

Os versos de Sakyamuni resumem:

*Que todos vivam seguros,  
Que todos sejam felizes!<sup>46</sup>*

A principal atenção da SGI na educação como instrumento para promover os direitos humanos surge da ênfase que dá o Budismo à transformação interior. Em abril de 1993, durante a preparação para a Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, em junho do mesmo ano em Viena, organizamos a exposição “Rumo ao Século do Humanismo: um Panorama dos Direitos Humanos no Mundo Contemporâneo” na Universidade das Nações Unidas, em Tóquio. No fim de 2004, o último ano da Década pela Educação em Direitos Humanos, a exposição já fora levada a quarenta cidades ao redor do mundo, contribuindo para a conscientização do povo.

Em minha mensagem para a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância,

## “É essencial a sucessão de pessoas de diferentes gerações dedicadas aos direitos humanos”

realizada em Durban na África do Sul, em agosto de 2001, e em outras oportunidades, pedi a permanência de uma estrutura mundial de educação em direitos humanos pela ONU.

Fiquei profundamente gratificado quando o Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos, lançado em 2005 como sucessor da Década da ONU, recomendava logo de início a importância de “construir uma cultura universal de direitos humanos”.<sup>47</sup> É valiosa a significação da educação e do aprendizado em direitos humanos, deveres principais do Conselho de Direitos Humanos (CDH), inaugurado em junho de 2006.

Em setembro de 2007, em resposta à proposta dos governos da Suíça e do Marrocos, o CDH sugeriu uma declaração das Nações Unidas sobre educação e treinamento em direitos humanos. O trabalho ainda prossegue com a intenção de ser adotado pela Assembleia Geral da ONU agora em setembro. Esta será a primeira vez que padrões internacionais para a educação em direitos humanos serão oficialmente proclamados pela ONU. Espero que a adoção da declaração seja uma oportunidade para todos os grupos interessados a trabalhar em conjunto, dando ênfase a uma cultura universal, consciente e robusta de direitos humanos.

### **Novo quadro institucional**

**P**ara fortalecer estes princípios, faço três propostas concretas. A primeira é a formação de organismos da ONU e da sociedade civil que promovam a educação em direitos humanos.

Como já deixei claro, deve ser constante o trabalho de elaboração da Declaração das Nações Unidas sobre educação e treinamento em direitos humanos. Para conseguir o apoio do maior número possível de Estados na Assembleia Geral e garantir que a declaração seja implantada no mundo inteiro, o apoio consistente da sociedade civil é indispensável. Da mesma forma, como não há agência internacional especializada em divulgar o Programa Mundial pela Educação em Direitos Humanos, é precioso o envolvimento dinâmico das ONGs.

A ONG Grupo de Trabalho pela Educação e Aprendizado em Direitos Humanos, de Genebra, parte da rede da Conferência das ONGs sobre Relacionamento Consultivo com as Nações Unidas (CoNGO), tenta garantir que as vozes da sociedade civil sejam plenamente refletidas nas políticas da ONU relacionadas à educação nesses Direitos. Em março de 2009, o Grupo de Trabalho cooperou com a rede internacional Human Rights Education Associates (HREA), numa importante proposta ao CDH, coassinada por 365 ONGs e instituições de direitos civis nacionais. Atualmente, o representante da SGI preside a ONG Grupo de Trabalho, e a SGI, em colaboração com a HREA, trabalha para produzir um DVD, a ser lançado em 2011, sobre os resultados positivos do trabalho da educação em Direitos.

Proponho ainda a formação de uma coalizão internacional das ONGs pela educação desses fundamentais direitos. Reunindo ONGs e redes de ONGs, essa coalizão reforçaria o trabalho do CDI e do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos com a finalidade de promover essa educação em escala internacional.

Conforme se desenvolvam nesse campo, as relações de colaboração entre as Nações Unidas e a sociedade civil, seria digno considerar a formação de uma agência especializada permanente da ONU de educação em





UN Photo/Jean-Marc Ferre

direitos humanos. Além de assegurar as bases operacionais e financeiras mais adequadas, tal agência seria um lugar onde a ONU, os governos e a sociedade civil poderiam deliberar sobre as melhores formas de implantar o Programa Mundial e a declaração da ONU em cada contexto nacional, pelo florescimento da cultura de direitos humanos ao redor do mundo.

### O papel dos jovens

**M**inha segunda proposta é o fortalecimento de esforços regionais coordenados pela educação em direitos humanos, sobretudo para a juventude. O Ano Internacional da Juventude foi instituído pelas Nações Unidas

para encorajar os jovens a “devotar energia, entusiasmo e criatividade”<sup>48</sup> à resolução dos problemas que a humanidade enfrenta.

Como nos exemplos de Mahatma Gandhi e do Dr. Martin Luther King Jr., ambos já ativistas por volta dos 20 anos, muitas lutas pelos direitos humanos foram iniciadas e continuadas graças à força e à paixão da juventude. A importância do papel dos jovens em desafiar as realidades sociais aparentemente intratáveis e pela criação de uma nova era não pode ser desvalorizada.

Perto do fim de sua vida, o Dr. King deu aos jovens estas palavras: “Quando o indivíduo não é mais um verdadeiro participante, quando não tem mais o sentimento de responsabilidade com sua sociedade, o conteúdo da democracia é empobrecido”.<sup>49</sup>

**ESFORÇOS MUNDIAIS**  
Sessão do Dia dos Direitos Humanos 2010, realizado em Genebra, Suíça, dezembro de 2010



**DEFENSOR DOS DIREITOS HUMANOS**

Martin Luther King Jr., acompanhado da esposa, visita a sede das Nações Unidas em dezembro de 1964

O mesmo princípio se aplica ao trabalho para construir uma cultura de direitos humanos. Como o Dr. Harding destacou em nosso diálogo, é essencial a sucessão de pessoas de diferentes gerações dedicadas aos direitos humanos. Para o processo contínuo de globalização, é vital que, além dos esforços nacionais, cresçam os empenhos pela educação desses Direitos em bases regionais, com novas oportunidades de trocas diretas.

Atualmente, o Conselho da Europa promove a Educação para a Cidadania Democrática e os Direitos Humanos. Ao definir cidadão como “a pessoa coexistente numa sociedade”,<sup>50</sup> esta campanha procura alertar jovens cidadãos para um compromisso ativo. Acredito que formas similares de solidariedade transnacional podem ser colocadas em prática em outras regiões com participação da sociedade civil.

Na minha Proposta de Paz de 1987, defendi uma Década das Nações Unidas da Educação para a Cidadania Global, focalizadas em quatro temas: meio ambiente, desenvolvimento, paz e direitos humanos, para encorajar nos jovens essa consciência das responsabilidades da cidadania mundial do século 21. Coerente, a SGI realiza diversas atividades em apoio à Década das Nações Unidas pela Educação em Direitos Humanos e à Década Internacional pela Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo (2001-2010).

Mais ainda: junto a outras ONGs, pedimos uma Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e nos esforçamos para apoiá-la desde o seu lançamento. Estamos comprometidos com atividades que assegurem uma cultura de paz com raízes em todo o mundo e que encontre caminhos para um futuro sustentável. Continuaremos em atividades numerosas para estimular nos jovens uma consciência comprometida com os direitos humanos, abrindo caminhos para encontros pessoais diretos e intercâmbios entre fronteiras nacionais, capazes de promover o espírito de reconhecimento, o respeito à diversidade, comuns a todos os seres humanos.

### **O diálogo inter-religioso**

**M**inha terceira proposta é o diálogo inter-religioso visando à construção de uma cultura de direitos humanos.

Um compromisso com os direitos humanos não pode ser promovido simplesmente pela transmissão de conhecimento. Está refletido no manual *ABC, Teaching Human Rights. Practical activities for primary and secondary schools* [ABC, *Ensinando os Direitos Humanos — Atividades práticas para escolas primárias e secundárias*], produzido pelo Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas:

**“A convicção e a felicidade de saber que nossa ação, nosso diálogo e nosso envolvimento diários estão movendo o mundo numa direção melhor liberam uma energia e um poder até então inimagináveis de dentro da vida das pessoas”**

Entretanto, o ensino hábil e cuidadoso, só com a teoria e a história não dão vida aos direitos humanos na sala de aula. Mais do que o significado intelectual dos textos, os estudantes precisam de fatos vivos, de testemunhos, experiências reais de vida, lidar com eles de acordo com a própria compreensão de justiça, liberdade e equidade.<sup>51</sup>

Quando uma criança sofre, por exemplo, uma situação de abuso (*bullying*), como pode ser capaz não apenas de se recusar a participar, mas também de um esforço para impedir que isso aconteça? Só com uma sensibilidade genuína dos seus Direitos: uma forma de luta e um desafio da vida real. Esta é uma verdade que não se limita à educação escolar: vale para todos em qualquer circunstância.

A base para alcançá-la deve ser, creio, o trabalho da consciência, em particular uma abertura generosa ao sofrimento dos outros, aliada à determinação de ser uma pessoa melhor e de se comportar o tempo todo e em todas as situações, de tal maneira que a pessoa se afirme orgulhosamente. Tenho a convicção de que é missão original da religião encorajar o crescimento deste *ethos*.

Por mais justas que sejam as garantias legais dos direitos humanos, enquanto forem consideradas uma imposição externa, nenhum impacto positivo terá na vida da pessoa.



UN Photo/Esfínder Dababe

## “O movimento da SGI procura despertar no íntimo de cada pessoa o contentamento resultante de uma transformação”

Como Gandhi disse: “A não violência não é uma vestimenta para ser posta e tirada à vontade. Está no coração, é parte intrínseca de nosso ser”.<sup>52</sup>

Somente quando as normas dos direitos humanos forem elevadas a juramento pessoal — o sentimento de que se não for fiel a elas deixarei de ser eu mesmo — é que serão de verdade uma fonte de energia de transforma-

ção. Decerto, há outras fontes, como o Juramento de Hipócrates, guia do médico, encoraja no cumprimento de suas responsabilidades.

Mas, como o teólogo Paul Tillich (1886-1965) advertiu, a religião, em suas profundezas, busca significação de questões da alma, como: “Para que vivemos?” As religiões têm grandes contribuições a dar. Ao identificar um estado de vida mais nobre, a religião nos libera a vitalidade que, nas palavras de Tillich, “é o poder de ir além de si, sem perder a si próprio”.<sup>53</sup>

O movimento da SGI procura despertar no íntimo de cada pessoa o contentamento resultante de uma transformação. No campo da educação em direitos humanos, nosso objetivo é permitir aos indivíduos viver os ideais dos direitos civis no seu dia a dia.

O Sutra de Lótus, essência dos ensinamentos budistas, traz o exemplo do Bodhi-

### CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

Michelle Bachelet, diretora executiva na ONU Mulheres, discursa durante o Dia dos Direitos Humanos 2010

sattva Jamais Desprezar. Convencido de que a vida de todo ser é dotada de dignidade incomparável, ele reverenciava cada pessoa que encontrava com as seguintes palavras: “Sinto profundo respeito por você, nunca o tratarei com desprezo nem com arrogância”.<sup>54</sup>

Naquela época, ele esteve exposto ao ridículo e a humilhações, e até a agressões com pedras e bastões. Contudo, nunca abandonou sua maneira delicada de tratar os outros.

Quando o Sutra de Lótus foi transmitido à China, o nome deste Bodhisattva foi traduzido por Kumarajiva (344-413) com os caracteres chineses que significam “o Bodhisattva que nunca menosprezava os outros”. O espírito deste nome está no âmago da luta pelos direitos humanos, empreendida pela Soka Gakkai desde a sua fundação. Em seus primeiros anos, a Organização foi desprezada no Japão, considerada um grupo de pessoas pobres e doentes. Os membros, porém, sentindo uma profunda honra e ardente convicção de que lutar pelo bem dos outros é a própria essência do Budismo, conseguiram dialogar com as pessoas, uma de cada vez, e acender nelas a chama da esperança.

O Sutra de Lótus também descreve as ações de vários Bodhisattvas, incluindo Valor Universal, Rei dos Remédios, Som Maravilhoso e Percebedor dos Sons do Mundo. Todos pela felicidade dos outros com a força de suas características únicas. Transpondo esse espírito para a sociedade contemporânea, destacamos que cada pessoa deve desenvolver suas capacidades especiais. Esta é a base para o crescimento mútuo e a realização dos valores do humanismo e dos direitos humanos.

Uma atividade especial das Nações Unidas, atualmente, é encorajar as novas gerações a agir inspiradas pelo tema “Manifeste-se e Pare com a Discriminação”. Creio que as religiões do mundo deveriam iniciar discussões sobre as contribuições que cada um pode dar. Seria um excelente ponto de partida. Quando discurssei na Universidade de

### Kumarajiva

Kumarajiva (344-413) foi um estudioso e tradutor das escrituras budistas para o chinês. Nascido no reino de Kucha, na Ásia Central, viajou aos 7 anos com a mãe para a Índia e a outros países só para estudar o budismo. Em 382, Fu Chien, soberano da Dinastia Ch'in antiga, ordenou a seu exército que levasse Kumarajiva a Ch'ang-an, a capital dinástica.

Deu-se, porém a queda da dinastia e Kumarajiva ficou prisioneiro num reino vizinho por dezesseis anos. Finalmente libertado, conseguiu chegar a Ch'ang-an em 401, a convite de Yao Hsing, soberano da Dinastia Ch'in tardia. Lá, ele ganhou a posição de mestre da nação e se dedicou à tradução dos textos budistas.

Com uma equipe de acadêmicos budistas chineses, ele traduziu cerca de trinta e cinco obras em 294 volumes, em pouco mais de dez anos. Destaca-se entre suas traduções a do Sutra de Lótus. Seu trabalho influenciou profundamente o desenvolvimento do budismo na China e no Japão.

Harvard, em 1993, apresentei as seguintes questões, das quais, é claro, não considero isenta a SGI: “A religião torna as pessoas mais fortes ou as enfraquece?”, “Ela as encoraja para o que nelas é bom ou para o que é ruim?” e “Elas se tornam melhores, mais ou menos sábias pela religião?” Estes devem ser nossos critérios.

Bom seria se todas as religiões do mundo seguissem o que o presidente fundador da nossa organização, Tsunessaburo Makiguti (1871-1944), chamou de interação comunitária: um diálogo capaz de construir uma cultura de direitos humanos e a reflexão sobre nossas origens e histórias e promover nas pessoas a capacidade de liderança.



#### JOVENS

Integrantes da Divisão dos  
Estudantes da BSGI

### A força dos cidadãos conscientes

Nesta proposta, já tratei da proibição e da abolição das armas nucleares e da construção de uma cultura de direitos humanos. Creio que sempre devemos ter orgulho de nossas ações, derivadas de nossas escolhas como cidadãos, que se vinculam ao magnífico desafio de transformar a história humana.

Recordo-me das palavras de Jeffrey Sachs, chefe do Instituto da Terra na Universidade de Colúmbia. Em seu livro, *O Fim da Pobreza*, ele reflete sobre a história dos últimos dois séculos e analisa os elementos que tornaram possível o fim de sistemas tão perniciosos como a escravidão, o colonialismo e o *apartheid*.

Outras gerações triunfaram com a expansão da liberdade e do bem-estar humanos, por meio da combinação de luta, persuasão, paciência e do profundo benefício de estar do lado certo da história.<sup>55</sup>

A confiança e a felicidade de saber que a ação, o diálogo e o compromisso de todos nós estão movendo o mundo para uma direção melhor liberam no ser humano uma energia e um poder até então inimagináveis. Nós nos sentimos estimulados pelo conhecimento de que cada um dos indivíduos, aparentemente comuns, pode ser protagonista da criação de uma nova era. Nenhuma força se equipara à transformação do espírito humano. Nós, membros da SGI, estamos determinados a trabalhar com todos os que também guardam a esperança de uma sociedade humana solidária. ■

## Notas

1. Jacquard. *Petite Philosophie à l'usage des Non-philosophes*, p. 18.
2. Ikeda, Hickman e Garrison. *Ningen Kyoiku Eno Atarashiki Choryu*, p. 50.
3. Jankélévitch. *Henri Bergson*, p. 244.
4. Bergson. *Mind-Energy*, p. 2.
5. *Nichiren Daishonin Gosho Zenshu* [Os Escritos de Nitiren Daishonin], p. 856.
6. *Ibidem*, p. 67.
7. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 34.
8. *Ibidem*, p. 31.
9. Bergson. *Mind-Energy*, p. 25.
10. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 205.
11. Nehru. *The Discovery of Índia* [A Descoberta da Índia], p. 361.
12. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 192.
13. Bergson. *The Creative Mind* [A Mente Criativa], p. 105-106.
14. Kajiyama. *Ku No Shiso*, p. 57.
15. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 208.
16. Kobayashi. *Kobayashi Hideo Zenshu*, v. 9, p. 160.
17. *Ibidem*, v. 9, p. 158.
18. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 209.
19. Bergson. *The Creative Mind* [A Mente Criativa], p. 105.
20. *Ibidem*, p. 103.
21. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 195.
22. Michelet. *Bible de L'humanité*, v. IV.
23. *Nichiren Daishonin Gosho Zenshu* [Os Escritos de Nitiren Daishonin], p. 788.
24. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 224.
25. Bergson. *Mind-Energy*, p. 22.
26. *Ibidem*, p. 23.
27. *Ibidem*, p. 28.
28. Jankélévitch. *Henri Bergson*, p. 248.
29. Bergson. *Mind-Energy*, p. 24.
30. Nitiren, *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nitiren Daishonin], v. 1, p. 888.
31. Bergson. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião], p. 226.
32. *Ibidem*, p. 275.
33. Jung. *The Undiscovered Self*, p. 68-69.
34. Nações Unidas. *Everyone's a Delegate* [Todos são Representantes].
35. Hammarskjöld. *Introduction to the Fourteenth Annual Report* [Introdução do 14º Relatório Anual], p. 448-449.
36. Nações Unidas. *Our Global Neighborhood* [Nossa Vizinhança Global], p. 355.
37. *Ibidem*, p. 356.
38. InterAction Council: Organismo independente internacional fundado em 1983 e do qual participam ex-chefes de Estado. Seu objetivo é mobilizar a experiência, a energia e os contatos internacionais dessas pessoas com a finalidade de encontrar soluções práticas para os problemas políticos, sociais e econômicos da humanidade. (N. da T.)
39. Países pertencentes ao Anexo 2: São os países que devem ratificar e depositar seus instrumentos de ratificação nas mãos do secretário-geral das Nações Unidas para que o Tratado Abrangente de Proibição de Testes Nucleares (CTBT) entre em vigor. Atualmente, 44 países são considerados integrantes do Anexo 2. (N. da T.)
40. Assembleia Geral das Nações Unidas. Conferência de Revisão das Partes para o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares de 2010, p. 19.
41. ICJ. *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons* [A Legalidade da Ameaça ou do Emprego de Armas Nucleares], p. 244.
42. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Jossei Toda], v. 3, p. 290.
43. Global Security Institute (Instituto de Segurança Global), Annual Report [Relatório Anual], p. 22.
44. Ikeda e Harding. *Kibo no Kyoiku, Heiwa no Koshin*, p. 53-54.
45. Chalmers, trad. *Buddha's Teachings* [Os Ensinamentos de Buda], p. 109.
46. Buddhakarakhita, trad. *Karaniya Metta Sutta*.
47. Assembleia Geral das Nações Unidas. Revised draft Plan of Action for the First Phase (2005-2007) of the World Programme for Human Rights Education [Esboço revisado do Plano de Ação para a Primeira Fase (2005-2007) do Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos], p. 3.
48. Assembleia Geral das Nações Unidas, Proclamation of 2010 as the International Year of Youth: Dialogue and Mutual Understanding [Proclamação do ano de 2010 como Ano Internacional da Juventude: Diálogo e Compreensão Mútua], p. 1.
49. King. *The Trumpet of Conscience* [A Trombeta da Consciência], p. 44.
50. O'Shea. *Education for Democratic Citizenship 2001-2004* [Educação para a Cidadania Democrática 2001-2004], p. 8.
51. OHCHR. *ABC, Teaching Human Rights* [ABC, Ensinando os Direitos Humanos], p. 20.
52. Gandhi. *My Non-violence* [Minha Não Violência], p. 36.
53. Tillich. *The Courage to Be* [A Coragem de Ser], p. 81.
54. Watson, trad. *The Lotus Sutra* [Sutra de Lótus], p. 266-267.
55. Sachs. *The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time* [O Fim da Pobreza: as Possibilidades Econômicas para nossa Época], p. 360-361.

## Bibliografia

- BERGSON, Henri. *Time and Free Will: An Essay on the Immediate Data of Consciousness* [Tempo e Livre Arbítrio: um Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência]. Tradução de F. L. Pogson. Londres: S. Sonnenschein, 1910.
- \_\_\_\_\_. *Creative Evolution* [Evolução Criativa]. Tradução de Arthur Mitchell. Londres: Macmillan, 1911
- \_\_\_\_\_. *Matter and Memory* [Matéria e Memória]. Tradução de Nancy Margaret Paul e W. Scott Palmer. Londres: G. Allen, 1913.
- \_\_\_\_\_. *Mind-Energy: Lectures & Essays* [Mente-Energia: Preleções e Ensaios]. Tradução de H. Wildon Carr. Londres: Macmillan, 1920.
- \_\_\_\_\_. *The Two Sources of Morality and Religion* [As Duas Fontes da Moralidade e da Religião]. Tradução de R. Ashley Audra e Cloudesley Breton, com a assistência de W. Horsfall Carter. Londres: Macmillan, 1935.
- \_\_\_\_\_. *The Creative Mind* [A Mente Criativa]. Tradução de Mabelle L. Andison. Nova York: Philosophical Library, 1946.

- BUDDHARAKKHITA, Acharya, trad *Karaniya Metta Sutta*. In *Metta: The Philosophy and Practice of Universal Love (WH 365)* [Metta: a Filosofia e a Prática do Amor Universal (WH 365)]. Kandy: Buddhist Publication Society, 1989. Disponível em: <<http://www.cambodianbuddhist.org/english/website/canon/khuddaka/suttanipata/snp1-08b.html>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- CHALMERS, Robert, trad. *Buddha's Teachings* [Os Ensinamentos de Buda]. Cambridge: Harvard University Press, 1932. Disponível em: <[http://www.archive.org/stream/buddhasteachings032310mbp/buddhasteachings032310mbp\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/buddhasteachings032310mbp/buddhasteachings032310mbp_djvu.txt)>.
- DUNCAN, John. *Statement on behalf of China, France, the Russian Federation, the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland and the United States of America* [Declaração em nome de China, França, Federação Russa, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte e Estados Unidos]. Proferido no Comitê Preparatório do Tratado de Não Proliferação em 2008, Genebra, 9 maio 2008. Disponível em: <<http://ukunarmscontrol.fc.gov.uk/resources/en/pdf/5061551/P5nptstatement2008>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- GANDHI, Mahatma. *My Non-violence* [Minha Não Violência]. Ahmedabad: Navajivan Pub. House, 1960.
- GLOBAL Security Institute (Instituto de Segurança Global). 2002. Relatório Annual, 2002. Disponível em: <[http://www.gsinstiute.org/gsi/pubs/gsi\\_ar\\_2002.pdf](http://www.gsinstiute.org/gsi/pubs/gsi_ar_2002.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- HAMMARSKJÖLD, Dag. *Introduction to the Fourteenth Annual Report: New York, August 20, 1959* [Introdução ao 14º Relatório Annual: Nova York, 20 de agosto de 1959]. In: Cordier; Foote. (Eds.). *Public Papers of the Secretaries-General of the United Nations*. Volume IV: Dag Hammarskjöld 1958-1960 [Documentos Públicos das Secretarias-Gerais das Nações Unidas. Volume IV: Dag Hammarskjöld 1958-1960]. Nova York e Londres: Columbia University Press, 1974.
- CIJ (Corte Internacional de Justiça). *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons, Advisory Opinion, I.C.J. Reports 1996* [A Legalidade da Ameaça ou do Emprego de Armas Nucleares, Parecer Consultivo, Relatórios do CIJ de 1996], 1996. Disponível em: <<http://www.icj-cij.org/docket/files/95/7495.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- IKEDA, Daisaku. (1993) *Mahayana Buddhism and Twenty-First-Century Civilization* [O Budismo Mahayana e a Civilização do Século XXI]. In: *A New Humanism: The University Addresses of Daisaku Ikeda* [Um Novo Humanismo: Discursos de Daisaku Ikeda Proferidos em Universidades]. Londres: I.B. Tauris, 2010.
- \_\_\_\_\_. *The Human Revolution* [Revolução Humana]. 2 v. Santa Mônica: World Tribune Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. (2010). *Toward a New Era of Value Creation* [Novos Valores para uma Nova Era]. Proposta de Paz de 2010. Disponível em: <<http://www.sgi.org/sgipresident/proposals/peace/2010.html>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- HARDING, Vincent. *Kibo no kyoiku, heiwa no koshin* [A Promoção da Paz por meio da Educação Fundamentada na Esperança]. *Daisanbunmei*. Tóquio: Daisanbunmeisha, ago. 2010..
- \_\_\_\_\_. et al. *Ningen Kyoiku Eno Atarashiki Choryu* [Por Uma Nova Era da Educação Humana]. *Todai*. Tóquio: Daisanbunmeisha, nov. 2010.
- JACQUARD, Albert. *Petite Philosophie à l'usage des Non-philosophes* [Uma Filosofia Modesta para os Não Filósofos]. Paris: Calmann-Lévy, 1997.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Henri Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.
- JUNG, C. G. *The Undiscovered Self*. Tradução de R. F. C. Hull. Nova York: New American Library, 1958.
- KAJIYAMA, Yuichi. *Ku No Shiso: Bukkyo Ni Okeru Kotoba to Chinmoku* [O Conceito de Vazio: as Palavras e o Silêncio no Budismo]. Quioto: Jinbun shoin, 1983.
- KING, Martin Luther Jr. *The Trumpet of Conscience* [A Trombeta da Consciência]. Nova York: Harper & Row Publishers, 1967.
- KOBAYASHI, Hideo. *Kobayashi Hideo Zenshu* [Obras Completas de Hideo Kobayashi]. 14 v. Tóquio: Shinchosha, 2001-2002.
- MICHELET, Jules. *Bible de L'humanité* [A Bíblia da Humanidade]. Paris: F. Chamerot, Libraire-Éditeur, 1864.
- NEHRU, Jawaharlal. *The Discovery of India* [A Descoberta da Índia]. Nova York: The John Day Company, 1946.
- NITIREN. *Nichiren Daishonin Goshu Zenshu* [Obras Completas de Nitiren Daishonin]. Hori, Nichiko. ed. Tóquio: Soka Gakkai, 1952.
- \_\_\_\_\_. *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nitiren Daishonin]. 2 v. The Goshu Translation Committee (Tradução e edição do Comitê de Tradução do Goshu). Tóquio: Soka Gakkai, 1999-2006.
- OHCHR (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos). *ABC, Teaching Human Rights. Practical activities for primary and secondary schools* [ABC, Ensinando os Direitos Humanos. Atividades práticas para escolas primárias e secundárias]. Nova York e Genebra: Nações Unidas, 2003. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/Documents/Publications/ABCChapter1en.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- O'SHEA, Karen. *Education for Democratic Citizenship 2001-2004. Developing a shared understanding: A Glossary of Terms for Education for Democratic Citizenship* [Educação para a Cidadania Democrática 2001-2004. Desenvolvendo a compreensão mútua: glossário de termos de educação para a cidadania democrática]. DGIV/EDU/CIT (2003). Estrasburgo: Conselho da Europa, 2003. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/enlargement/taieux/dyn/create\\_speech.jsp?num=17100](http://ec.europa.eu/enlargement/taieux/dyn/create_speech.jsp?num=17100)>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- SACHS, Jeffrey D. *The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time* [O Fim da Pobreza: possibilidades econômicas para nossa época]. Nova York: The Penguin Press, 2005.
- TILLICH, Paul. *The Courage to Be* [A Coragem de Ser]. New Haven: Yale University Press, 1952.
- TODA, Jossei. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Jossei Toda]. 9 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.
- UN (Nações Unidas). *Our Global Neighborhood: Report of the Commission on Global Governance* [Nossa Vizinhança Global: Relatório da Comissão sobre Governo Global]. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Everyone's a Delegate* ["Todos são Representantes"], anúncio da campanha da Cúpula Mundial de 2005. Disponível em: <<http://www.un.org/summit/poverty.html>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. Assembleia Geral. *Revised draft plan of action for the first phase* [Esboço revisado do plano de ação para a primeira fase (2005-2007) do Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos]. A/59/525/Rev.1, 2005. Disponível em: <<http://www2.ohchr.org/english/issues/education/docs/A.59.525.Rev.1.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. (2010) *Proclamation of 2010 as the International Year of Youth: Dialogue and Mutual Understanding* [Proclamação do Ano de 2010 como o Ano Internacional da Juventude: Diálogo e Compreensão Mútua]. A/RES/64/134. Resolução adotada pela Assembleia Geral, Nova York, em 1º de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://daccess-ddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N09/469/87/PDF/N0946987.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. 2010 *Review Conference of the Parties to the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons Final Document* [Conferência de Revisão do Documento Final das Partes para o Tratado sobre Não Proliferação de Armas Nucleares]. NPT/CONF.2010/50 (V. I). Nova York, 2010. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50\(VOL.I\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50(VOL.I))>. Acesso em: 26 jan. 2011.
- WATSON, Burton, trad. *The Lotus Sutra* [Sutra de Lótus]. Nova York: Columbia University Press, 1993.



# Propostas de paz proferidas por Daisaku Ikeda em 26 de janeiro, Dia da SGI

- 2011** — Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora
- 2010** — Novos valores para uma nova era
- 2009** — Competição Humanitária: nova esperança na história
- 2008** — A humanização da religião a serviço da paz
- 2007** — Resgatar a nossa humanidade: primeiro passo para a paz mundial
- 2006** — A nova era do povo: uma rede mundial de indivíduos conscientes e fortes
- 2005** — Uma nova era de diálogo: o triunfo do humanismo
- 2004** — Revolução interior: uma onda mundial pela paz
- 2003** — Por uma ética global — A dimensão da vida: um paradigma
- 2002** — O humanismo do caminho do meio — O alvorecer de uma civilização global
- 2001** — O desafio da nova era: construir a todo instante o “Século da Vida”
- 2000** — A paz pelo diálogo — É tempo de falar: uma cultura de paz
- 1999** — Pela cultura de paz — Uma visão cósmica
- 1998** — A humanidade e o novo milênio: do caos para o cosmos
- 1997** — Novos horizontes de uma civilização global
- 1996** — Rumo ao terceiro milênio: o desafio da cidadania global
- 1995** — Criando um século sem guerras por meio da solidariedade humana
- 1994** — A luz do espírito global: uma nova alvorada na história da humanidade
- 1993** — Rumo a um mundo mais humano no século vindouro
- 1992** — Uma Renascença de esperança e harmonia
- 1991** — O alvorecer do século da humanidade
- 1990** — O triunfo da democracia: rumo a um século de esperança
- 1989** — A alvorada de um novo globalismo
- 1988** — Entendimento cultural e desarmamento: os blocos edificadores da paz mundial
- 1987** — Propagando o brilho da paz: rumo ao século do povo
- 1986** — Rumo a um movimento global por uma paz duradoura
- 1985** — Novas ondas de paz rumo ao século XXI
- 1984** — Criando um movimento unido para um mundo sem guerras
- 1983** — Nova proposta para a paz e o desarmamento



**Tradução:** Mitiyo Santiago Murayama

**Revisão:** Thiago de Mello

**Colaboração:** Astolfo Valentim Vieira Martins  
Elizangela Gomes Marques  
Ricardo Shin-iti Miyamoto  
Susan Scaranci Ribeiro

**Arte:** Henrique Kubota

**Foto da capa:** Photos.com

**Todos os direitos reservados à Editora Brasil Seikyo Ltda.**

Editora Brasil Seikyo Ltda. Administração e redação: Rua Tamandaré, 1.040  
São Paulo, SP — CEP: 01525-000

Fones: (11) 3349-1930/1941/1942/1950 — Fax: (11) 3349-1949

CNPJ nº 61.612.891/0001-21

Matrícula na Lei de Imprensa nº 2092 — Registro no INPI nº 0060117320

Diretor-Presidente: Wagner Takeshi Issami

Jornalista responsável: Julio Tadachi China (matrícula no DRT nº 17.595)

Impressão: EGB

# Carta da Soka Gakkai Internacional

## Preâmbulo

**Nós**, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo Nitiren.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nitiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões

mundiais. Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.
2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.
3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.
4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo Nitiren por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.
5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.
6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.
7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.
8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.
9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.
10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

# “A confiança e a felicidade

de saber que a ação, o diálogo e o compromisso de todos nós estão movendo o mundo para uma direção melhor liberam no ser humano uma energia e um poder até então inimagináveis. Nós nos sentimos estimulados pelo conhecimento de que cada um dos indivíduos, aparentemente comuns, pode ser protagonista da criação de uma nova era. Nenhuma força se equipara à transformação do espírito humano. Nós, membros da SGI, estamos determinados a trabalhar com todos os que também guardam a esperança de uma sociedade humana solidária”

Daisaku Ikeda